

Correspondência de Abel Viana a José Leite de Vasconcelos: Do mérito ao reconhecimento¹

Correspondence from Abel Viana to José Leite
de Vasconcelos: from own achievement to
professional recognition

JOÃO LUÍS CARDOSO*, LÍVIA CRISTINA COITO**

RESUMO

A correspondência remetida por Abel Viana a J. Leite de Vasconcelos, existente no Epistolário deste último, conservado no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), abarca um período entre 1923 e 1940. As 35 missivas que a integram possuem interesse desigual, centrando-se no tempo entre os finais da década de 1920 e os primórdios da seguinte. Procurou-se averiguar os benefícios que para Abel Viana resultaram do estabelecimento de colaboração regular, por via epistolar, no domínio da Arqueologia e da Etnologia, com J. Leite de Vasconcelos, personalidade proeminente e influente no meio científico e académico. Em sentido inverso, comprovou-se a utilização, por este último, de informações transmitidas pelo seu correspondente, como aliás se verificava com muitos outros dos seus colaboradores espalhados pelo País.

Com efeito, a correspondência espelha os primórdios da investigação arqueológica desenvolvida por Abel Viana, no Alto Minho, sua região natal, prosseguida depois fugazmente no Algarve, entre 1933 e 1938 e, por fim, centrada no Baixo Alentejo, quando passou a residir definitivamente em Beja, a partir de inícios de 1939, onde atingiu a sua fase de plenitude, acompanhando assim as etapas da

¹ Este trabalho baseou-se na correspondência remetida por Abel Viana a J. Leite de Vasconcelos, transcrita pelo segundo signatário; o primeiro signatário encarregou-se da elaboração da parte restante do mesmo.

* Universidade Aberta, Lisboa e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras. *E-mail*: cardoso18@netvisao.pt.

** Museu Nacional de Arqueologia. *E-mail*: cristinacoito@mnaarqueologia.dgpc.pt.

sua vida profissional e pessoal, determinada pela sua condição de Professor do Ensino Primário Oficial.

Palavras-chave: Abel Viana – José Leite de Vasconcelos – Correspondência – História da Arqueologia

ABSTRACT

The correspondence from Abel Viana to J. Leite de Vasconcelos, in his epistolary, kept in the National Archaeological Museum (Lisbon), covers a period between 1923 and 1940. The 35 letters gathered have unequal interest, focusing in time between the late 1920s and the following dawn. We tried to verify what benefits resulted to Abel Viana from the regular collaboration, through epistolography in the field of Archaeology and Ethnology, with J. Leite de Vasconcelos, a prominent and influential figure in scientific and academic circles. In reverse, we proved the use by Vasconcelos of the provided information passed by its correspondent, as indeed it was verified with many others informants around the country.

Indeed, the correspondence reflects the beginnings of archaeological research developed by Abel Viana following the steps of his personal and professional life, determined by being a teacher of Public Elementary School. He started in Alto Minho, his native region, then after passing in Algarve, between 1933 and 1938, finally centred in Baixo Alentejo, when he definitely inhabit in Beja, from early 1939, where it reached its maturity phase.

Keywords: Abel Viana – José Leite de Vasconcelos – Correspondence – History of Archaeology

1. INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A evocação de Abel Viana (1896-1964), no cinquentenário do seu passamento, foi já por diversas vezes evocada por um de nós (J. L. C.), destacando-se o texto publicado em 2014, o qual teve como origem a sessão de homenagem promovida em Vila Viçosa pela Fundação da Casa de Bragança, em parceria com o Museu Nacional de Arqueologia (Cardoso, 2014). Foi neste âmbito que se julgou também oportuna a preparação deste contributo, em que se publica e comenta a correspondência remetida por Abel Viana a J. Leite de Vasconcelos, onde se documentam os primeiros e decisivos passos por aquele dados no domínio da arqueologia e a contribuição que, nesse sentido, lhe foi prestada pelo destinatário da mesma.

Assim, o objetivo primordial deste estudo consistiu na verificação da importância assumida por José Leite de Vasconcelos na formação de Abel Viana, como arqueólogo e etnólogo, especialmente ao nível dos apoios concedidos para que a mesma pudesse consolidar-se, a qual, pelas limitações da sua preparação de base, como Professor do Ensino Primário Oficial, tinha evidentes lacunas, agravadas pela dificuldade de aceder a informação científica para as colmatar. Tal limitação e os esforços para a suplantar, encontram-se claramente evidenciadas ao longo da correspondência, o que não o impediu de reunir, em curto período de tempo, importantes observações, especialmente no campo da arqueologia, prontamente comunicadas a Leite de Vasconcelos. Em sentido inverso, importava, pois, avaliar a importância concedida por este às informações que lhe eram apresentadas em primeira mão por Abel Viana.

Tentou-se localizar, em Beja e em Viana do Castelo, as missivas de resposta de Leite de Vasconcelos a Abel Viana, para se poder fazer o cruzamento da correspondência, o que permitiria que o presente contributo fosse mais detalhado. Foram, no entanto, infrutíferas as iniciativas desenvolvidas naquele sentido.

Figura ímpar da arqueologia portuguesa, bem como da etnografia, o labor de Abel Viana só foi interrompido pelo seu passamento que o surpreendeu em plena atividade, depois de ter marcado a marcha da investigação arqueológica portuguesa realizada no decurso de trinta e cinco anos de atividade ininterrupta. Dotado de personalidade enérgica (fig. 1), que assumia as suas posições sempre de forma frontal, a sua obra, pela extensão e variedade temática, mostra uma dedicação e uma vitalidade difíceis de acompanhar pelo seus contemporâneos, servida por ideal em que sacrificou a saúde e a família, em nome de um desígnio que ele próprio não saberia bem definir. Desígnio que, no entanto, assumia com evidente



Fig. 1 – Abel Viana (1896-1964). Arquivo O. da Veiga Ferreira/J. L. Cardoso.

prazer e em plenitude, onde a intuição, de saber de experiência feito, colmatava as lacunas decorrentes da falta de informação bibliográfica com que deparou, e que por todos os meios procurava combater, como se verá na correspondência ora publicada. Este especial modo de ser e de estar, em que o autodidata, pela valia das suas obras, se tornou investigador bem conhecido além-fronteiras, só tardiamente recompensado no seu País através de equiparação a bolsheiro do Instituto de Alta Cultura, encontra-se evidenciado na volumosa correspondência que remeteu ao seu discípulo dileto, O. da Veiga Ferreira (1917-1997), já publicada na íntegra (Cardoso, 2001/2002; Cardoso, 2008).

2. A CORRESPONDÊNCIA

A correspondência remetida por Abel Viana a Leite de Vasconcelos abarca um período de cerca de quinze anos, os últimos da longa vida deste último, evidenciando-se, ao longo do tempo, o estreitamento dos laços pessoais entre ambos, embora as missivas se tornem mais esparsas, em virtude do crescente envolvimento de Abel Viana na arqueologia e de Leite de Vasconcelos na etnografia e na linguística.

Na maior parte destas missivas serão apresentadas e devidamente assinaladas as notas suscitadas pelas passagens que, pelo seu interesse, justificaram enquadramento à luz dos factos ou acontecimentos que à data ou em época ulterior se verificaram, protagonizados por vezes por diversos intervenientes diretamente relacionados com aquelas passagens. Neste aspeto, foram essenciais as publicações produzidas por Abel Viana ou por outros arqueólogos seus contemporâneos nas quais ficaram registadas de forma mais consequente muitas das situações relatadas nas missivas, permitindo assim conhecer os desenvolvimentos das mesmas. Tal como em publicações anteriores (tome-se, a título de exemplo, a relativa à correspondência trocada entre Joaquim Fontes e J. Leite de Vasconcelos (cf. Cardoso, 2012), as notas reduziram-se ao essencial, citando-se, sempre que necessário, a bibliografia mais relevante diretamente relacionada com as diversas questões abordadas.

Seguiram-se as seguintes regras na transcrição da correspondência: 1 – transcreveram-se as cartas em linha contínua; 2 – respeitou-se a grafia da época; 3 – desenvolveram-se as abreviaturas, colocando-se a palavra completa entre parêntesis retos; 4 – as anotações marginais foram igualmente transcritas, seguidas da identificação do autor da anotação entre parêntesis retos; 5 – nas saudações finais, quase sempre em abreviaturas de difícil leitura, recorreu-se às formas mais próximas das que foi possível reconstituir; 6 – o tipo de missiva, carta, postal ou cartão, é precedido da sua identificação, número de autor e número de espécie, no conjunto do epistolário de Leite de Vasconcelos.

Documento n.º 1

CoR JLV 3551/23196 – cartão de visita de agradecimento, com tarja a negro, sem data

Documento n.º 2

CoR JLV 3551/23197 – carta autógrafa

R [Respondido]

Anotação autógrafa de Leite de Vasconcelos

Ex.^{mo} Sn^r.

Tendo conhecimento de que no N.º 1 de «Boletim Etnográfico»², editado por êsse Museu, contém algumas gravuras oferecidas por mim ao Ex.^{mo} Director da «Lusa», Sn^r. Dr. Cláudio Basto, rogo a V. Ex.^a a subida fineza de me informar onde posso adquirir o referido Boletim, e qual o seu preço, caso seja vendido aí no Museu Etnológico.

Seu de V. Ex.^a criado muito grato

Abel Viana

Areosa, 8 de Maio de 1923

[NO VERSO]

Abel Viana

Povoença – Areosa

Viana-do-Castelo

² Na verdade, a referida publicação designava-se por «Boletim de Etnografia», tendo o primeiro número, aludido na missiva, sido publicado em 1920, pela Imprensa Nacional.

Documento n.º 3

CoR JLV 3551/23198 – carta autógrafa

R [Respondido]

Seixas, 6 de Maio de 1925

Ex.^{mo} Sn^r.

Tenho vários desenhos de interêsse etnográfico, devidamente anotados e relativos aqui ao Minho. Trata-se de: aldravas, rocas, portais, chaminés, etc. Além destes, tenho outros de interesse arqueológico – desenhos de pias, machados, etc.

Alguns destes desenhos destino-os ao meu Ex.^{mo} amigo, sn^r. Dr. Cláudio Basto, para êle os inserir na Lusa.

Rogo a V.^a Ex.^a a fineza de me mandar dizer se lhe apraz o envio dos restantes.

Há tempos, teve V.^a Ex.^a a bondade de me enviar o n.º 1.º do «Boletim do museu Etnológico», no qual vinham uns desenhos de aldravas, feitos por mim³ (fig. 2). Não sei se foram publicados mais alguns números. Em caso afirmativo, muito me obsequearia V.^a Ex.^a facultando-me a aquisição dos que porventura hajam sido publicados, exceptuando o primeiro que já possuo⁴.

Sem mais, queira V. Ex.^a ordenar a quem se subscreve,
com a máxima consideração

E é de V.^a Ex.^a adm.^o e mt.^o grato

Abel Viana

Seixas, Minho

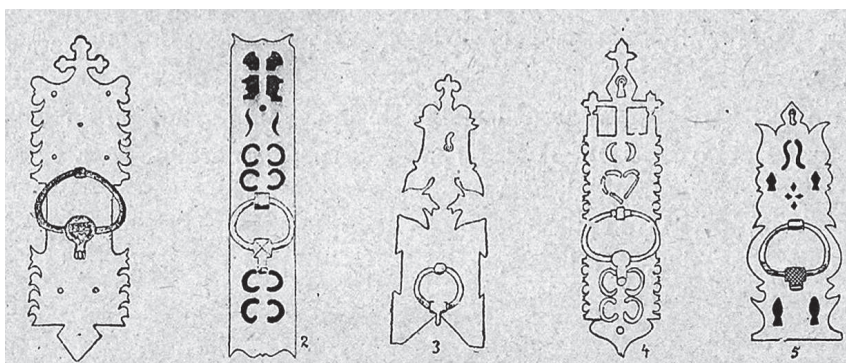


Fig. 2 – Desenhos de aldravas de ferro (Vasconcelos, 1920a, p. 26).

³ Vid. nota 1. Os referidos desenhos ilustram o artigo «Aldravas de ferro» assinado por J. Leite de Vasconcelos e publicado na p. 25 do referido número (Vasconcelos, 1920a).

⁴ À data desta missiva, já teriam sido publicados três números, correspondendo o último destes ao ano de 1924. O volume seguinte só viria a ser publicado em 1929.

Documento n.º 4

CoR JLV 3551/23199 – postal autógrafo, carimbo com data ilegível

Seixas, 12/4/926

Ex.^{mo} Sn^f.

Rogo a fineza de me enviar os números do «Arqueólogo Português» já publicados êste ano bem como os que forem saíndo desde esta data.

Peço também o favor de me dizer as condições de assinatura se estas não vierem publicadas no «Arqueólogo».

Não me esqueci do desenho do carro de bois e respectiva «caniçada».

Breve será remetido a V. Ex.^a

Sou com a máxima consideração, muito
pnd.^o e às ordens de V. Ex.^a

Abel Viana

Seixas, Minho



Documento n.º 5

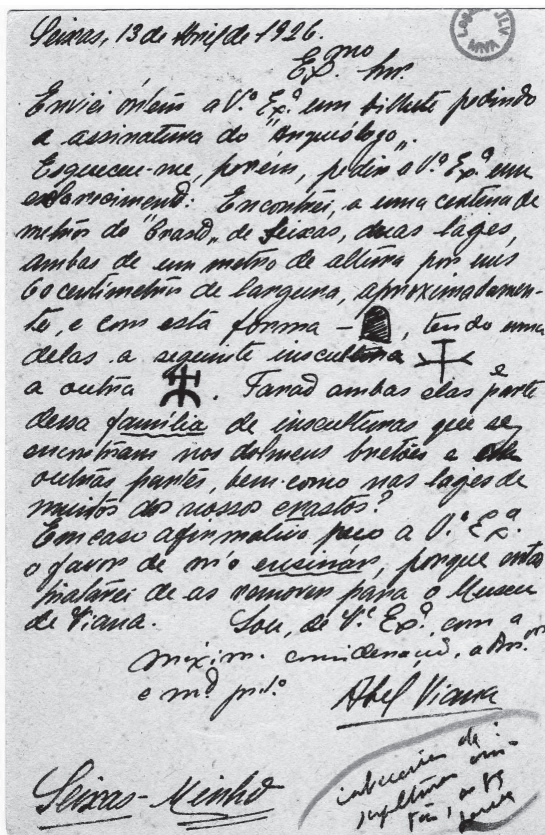
CoR JLV 3551/23200 – postal autógrafo, carimbo com data 14 ABR 26

Seixas, 13/4/926

Ex.^{mo} Sn^f.

Enviei ontem a V. Ex.^a um bilhete pedindo a assinatura do «Arqueólogo».

Esqueceu-me, porém, pedir a V. Ex.^a um esclarecimento: Encontrei a uma centena de metros do «Craсто» de Seixas, duas lajes, ambas de um metro de altura por uns 60 centímetros de largura, aproximadamente, e com esta forma ..., tendo uma delas a seguinte inscultura  e a outra  (fig. 3). Farão elas ambas parte dessa família de insculturas que se encontram nos dolmens bretões e de outras partes, bem como nas lajes de muitos dos nossos crastos?



Em caso afirmativo peço a V. Ex.^a o favor de m'ó ensinar, porque então tratarei de as remover para o Museu de Viana.

Sou de V. Ex.^a com a máxima consideração, adm.or e m.to pnd.º

Abel Viana

Seixas, Minho

Anotação autógrafa de Leite de Vasconcelos, no canto inferior direito:

Cabeceiras de sepultura como são, as de [?]

Lavra

Fig. 3 – Documento n.º 5, postal autógrafa datado de Seixas, de 13 de abril de 1926, onde Abel Viana reproduz insculpturas existentes em duas lajes cujo contorno também é indicado, atribuídas, em nota autógrafa aposta à missiva, por J. Leite de Vasconcelos, a cabeceiras de sepulturas. Museu Nacional de Arqueologia. Arquivo Pessoal José Leite de Vasconcelos.

Documento n.º 6

CoR JLV 3551/23201 – carta autógrafa em papel timbrado «Notícias de Cerveira» – Quinzenário regionalista – V. N. de Cerveira

R [respondido]

Seixas, 18/3/928

Ex.^{mo} Senhor

Pedi há tempos, para a Imprensa Nacional, para me remeterem o «Archeólogo Português».

Não obtive resposta.

Lembrou-me, por isso, rogar a V. Ex.^a o valioso favor de intervir, da maneira que lhe for possível, de modo que me remetam para aqui, à cobrança, o último número do «Archeólogo» (Vol. XXVI, 1923-24), assim como o da «Revista Lusitana», Vol. XXX (1923-25).

Caso não o remetam nessas condições, desejava então, saber o custo dessas publicações, para enviar a sumária importância.

Antecipadamente agradece, pedindo desculpa pelo tempo que lhe fez perder, de V. Ex.^a Adm.^o At.^o e m.to grato

Abel Viana

Professor oficial
em Seixas – Minho

Documento n.º 7

CoR JLV 3551/23202 – carta autógrafa, com anotação autógrafa de Leite de Vasconcelos no canto superior direito: Na resposta, prometi enviar-lhe apenas volumes de AP, anterior e posterior ao vol. XXVI

Abel Viana [Anotação autógrafa de Leite de Vasconcelos]

Seixas, 18/11/928

(A. Minho) [Anotação autógrafa de Leite de Vasconcelos]

Ex.^{mo} Sn.^f. Dr. Leite de Vasconcelos:

Recebi o postal de V. Ex.^a, ao qual dou imediatamente resposta, não sem me permitir incomodar a V. Ex.^a para me escrever novamente, sempre que eu não acuse as suas ordens. É que a correspondência pode-se extraviar e eu de maneira alguma desejo, nem mesmo involuntariamente, deixar de prestar aos mandados de V. Ex.^a a atenção a que tem direito.

De facto encontrei várias estações do tipo asturiense, ou como é de minha opinião, encontrei num longo trecho de costa, cêrca de quatro e picos quilometros por onde se estende uma estação de tipo asturiense (fig. 4).

Recolhi 1200 peças, na grande maioria picos (fig. 5).

As mais interessantes tenho-as aqui em Seixas, onde as estou desenhando e fotografando para um pequeno trabalho que pretendo publicar em breve⁵. As res-

⁵ O primeiro estudo que A. Viana dedicou às indústrias então designadas por asturienses do litoral minhoto foi publicado no jornal «Notícias de Viana», de Viana do Castelo, de 22 de setembro de 1928, portanto anterior à data da presente missiva. Deste modo, pode concluir-se que o autor não o considerava um verdadeiro estudo, mas simplesmente uma primeira nota sobre a descoberta de tais indústrias na região litoral norte de Viana do Castelo e até ao farol de Montedor. A. Viana, nesta missiva remetida a Leite de Vasconcelos em novembro de 1928, referia-se ao estudo «A estação asturiense de Areosa», publicado na revista «Portvcale» em 1929 (Viana, 1929).

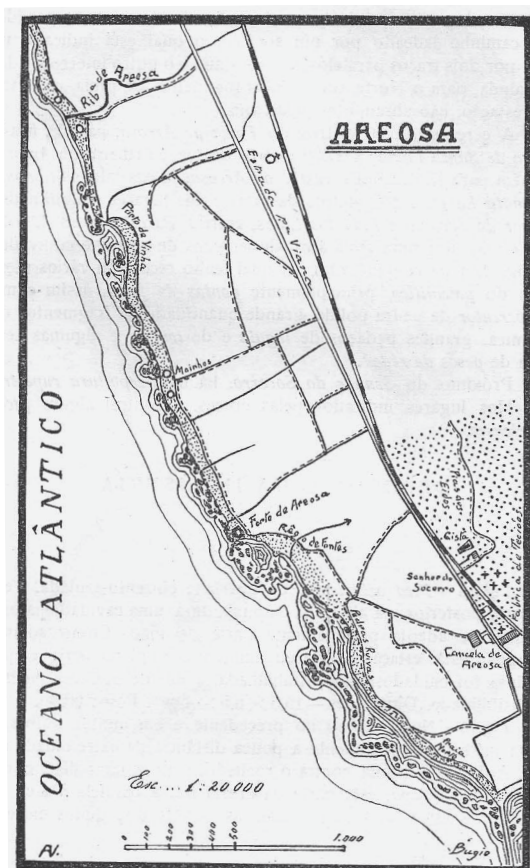


Fig. 4 – Esboço do trecho litoral a norte de Viana do Castelo, com a toponímia dos locais de colheita de indústrias líticas (Viana, 1929, fig. 2).

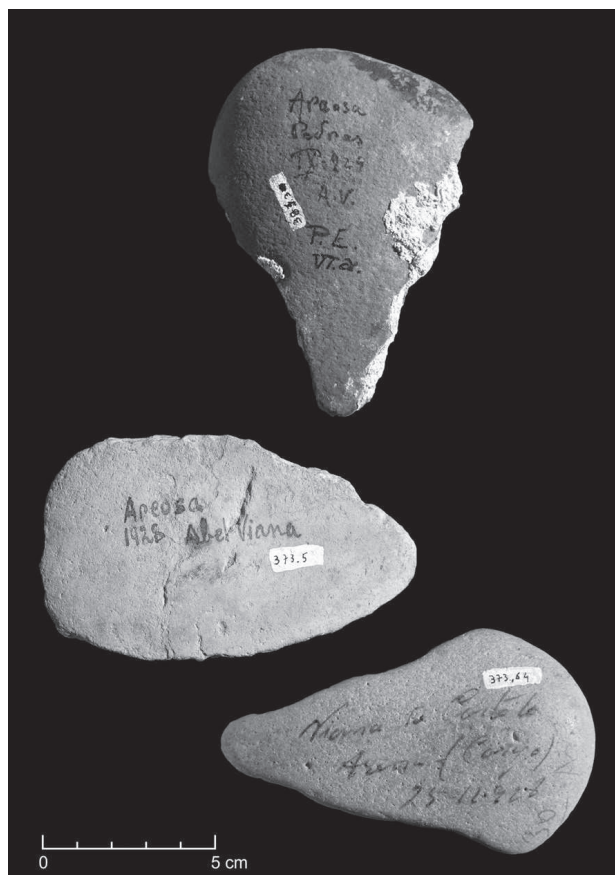


Fig. 5 – Inscrições autógrafas de Abel Viana apostas no verso de picos sobre seixos rolados de quartzite recolhidos na estação de Areosa, em 1928 (um deles recolhido no dia de Natal de 1928) e em 1929, na altura do seu primeiro estudo sobre esta estação arqueológica (Viana, 1929). Museu do LNEG, Lisboa. Fotos de J. L. C.

tantes estão encaixotadas, em casa da minha família, aguardando a conclusão dos mostruários que a Câmara de Viana ficou de aprontar para o Museu Municipal, até fins do próximo mês de Dezembro. Já fiz a proposta do depósito e a Câmara resolveu aceitá-la. Espero agora a chegada das férias do Natal. Aproveitarei êsses quinze dias na instalação das peças, dispondo-as por séries, segundo os tipos que apresentarem.

V. Ex.^a deixa transparecer nas suas palavras o conhecimento de que eu faço questão de conservar em Viana o núcleo principal dos meus achados do «Asturiense». Assim é, com efeito, mas pode crêr V. Ex.^a que não me esquecia do «Museu Etnológico Português», não só por ser o estabelecimento mais importante da especialidade, como pêlo facto de V. Ex.^a ser o seu Director e eu desejava dêste modo render-lhe a minha sincera homenagem.

Tenciono enviar alguma coisa, também ao Museu Martins Sarmiento, pelo muito que admiro aquela simpática instituição de iniciativa particular.

Pôsto isto, V. Ex.^a terá sòmente que deixar-me concluir o tal trabalho que trago entre mãos. No momento oportuno avisarei V. Ex.^a para tratarem da maneira de se efectuarem a remessa.

Das peças que enviar para aí ficarão fotografadas no Museu de Viana⁶. Tenho, porém, muito que fazer, mas conto ter tudo arranjado até meados do mês de Janeiro.

Diz-me o Sr. Dr. Serpa Pinto⁷ que lhe tem chegado comunicação de outros achados de estações do «Asturiense» em pontos do interior, e de um padre aqui de perto, bastante interessado em assuntos arqueológicos, sei eu que pretende ter encontrado picos que supõe do tipo asturiense. Também eu os tenho encontrado, em vários lugares dos concelhos de Viana e de Caminha, mas tenho por certo que se trata de indústria muito diversa da asturiense⁸. Há cinco anos que estou recolhendo abundantes materiais e cheguei a uma conclusão que me parece original e perfeitamente plausível, [estas últimas linhas assinaladas a lápis vermelho por Leite de Vasconcelos] mas tenho lutado horrivelmente com a carência de obras para consulta, não vá eu cair na falta de expôr doutrina já expandida por outrem, sem mencionar essa circunstância.

A muito custo obtive o último volume do «Archeólogo», depois da indicação que V. Ex.^a fez o favor de me dar.

A colecção do «Archeólogo» faz-me imensa falta, a fim de rematar as investigações a que tenho procedido, e não posso eu, que vivo exclusivamente dos

⁶ Abel Viana ofereceu a maior parte da sua coleção de peças então consideradas asturienses ao Museu de Viana do Castelo, como se verá adiante. Mas boa parte dos materiais por ele recolhidos foram oferecidos aos Serviços Geológicos de Portugal, decisão que, como se verifica, foi tomada ulteriormente à escrita desta missiva, onde tal instituição não é mencionada. Em carta datada de 13 de dezembro de 1949 dirigida ao Prof. A. A. Mendes Corrêa, apelando para a sua preciosa ajuda para enfrentar a atuação do Prof. Manuel Heleno em seu detrimento, refere que em 1948 lhe tinha enviado para o Museu Etnológico «dois caixotes com paleolítico do Minho», que não lhe agradeceu; o mal-estar entre ambos foi agravado pela remessa das coleções de peças ditas asturienses e paleolíticas para o Museu dos Serviços Geológicos, referidas na missiva, pelo que se pode concluir que tal oferta se efetivou nesse mesmo ano de 1949 (Cardoso, 1999, p. 152).

⁷ Rui de Serpa Pinto foi insigne arqueólogo, Assistente da Faculdade de Ciências do Porto, prematuramente falecido a 23 de março de 1933, quando contava apenas 33 anos. Foi autor de importante trabalho sobre as indústrias então consideradas asturienses do litoral minhoto, publicado em 1928 (Pinto, 1928), antecedendo deste modo Abel Viana, embora já depois de Eugénio Jalhay ter noticiado em 1925 o achado de peças então consideradas asturienses no litoral galego (Jalhay, 1925). No entanto, data de 1925 a recolha por Serpa Pinto do primeiro pico em Vila Praia de Âncora, como é referido por Mendes Corrêa, a quem aquele mostrou o achado (Cardoso, 1999, p. 151). De referir, também, que já naquele mesmo ano de 1925, Joaquim Fontes tinha publicado a estação dita asturiense de Camposancos (Fontes, 1925), perto de Pontevedra, pelo que a prioridade da identificação daquela indústria no litoral galego pertenceu, no mesmo ano, a dois portugueses. Era, pois, apenas uma questão de tempo, a confirmação do seu prolongamento pelo litoral minhoto, o que veio a verificar-se em 1928, conjuntamente por Rui de Serpa Pinto e Abel Viana.

⁸ Devia estar a referir-se a peças paleolíticas talhadas em seixos de quartzito, de cunho inconfundível, destacando-se entre estas, belos bifaces acheulenses, os primeiros que na região minhota se recolheram. Estas importantes descobertas deram origem a importante trabalho de síntese, publicado em 1930 (Viana, 1930). Não por acaso, este seu trabalho é dedicado a José Leite de Vasconcelos, Félix Alves Pereira, antigo conservador do Museu Etnológico e que de terras minhotas regularmente publicava notícias arqueológicas, e Joaquim Fontes, que, sendo o descobridor da estação de Camposancos, que fazia descer até ao litoral de Pontevedra a presença de indústrias então integradas no Asturiense (Fontes, 1925), publicou ainda importantes contributos sobre a arqueologia do Minho, com destaque para o santuário do Gião, Arcos de Valdevez. Ver nota 6.

600 escudos por mês que servem de paga aos meus serviços de professor primário e que faço neste magro vencimento um rombo mensal de 60 a 70 escudos só para publicações de arqueologia, entomologia e pedagogia, não posso, dizia eu, obter por compra a referida coleção. Por isso me ocorre perguntar a V. Ex.^a, e apelando, é claro, para os bons ofícios de V. Ex.^a, se o Museu Etnológico não poderia em ceder-me, não digo a coleção completa mas os volumes que me pudesse dispensar, a trôco de 200 ou 300 picos [sublinhado a lápis vermelho por Leite de Vasconcelos] por que eu me comprometo a remeter-lhe⁹.

Esta, porém, não é uma condição; é, apenas, uma solicitação que eu reputo justificada de sobra pelo objectivo a que visa – o de se facultar elementos a quem trabalha e deseja trabalhar mais e melhor, por quanto, convenha ou não convenha, seja ou não seja possível ao Museu Etnológico em ceder-me êste favor, aliás muito valioso, comprometida fica a minha palavra, perante V. Ex.^a, quanto à remessa do que ao Museu me proponho ceder [estas três últimas linhas assinaladas a lápis vermelho por Leite de Vasconcelos].

Tento, em suma, a cumplicidade de V. Ex.^a, furtar a um Estado negligente, avêso mesmo a quaisquer obras de assistência intelectual, alguns livros desse valor que fica muito àquem do que êle podia e devia pagar-me, não só por aturar rapazes como por queimar as minhas horas vagas, não em políticas de campanário mas em servi-lo por vários modos, fraca mas continuamente.

Deixo a V. Ex.^a por juiz desta causa.

Conto poder instalar numa sala do Museu de Viana, especialmente destinada aos materiais por mim recolhidos, tudo quanto até à data tenho encontrado, referido a diferentes períodos arqueológicos¹⁰. Talvez alguma coisa mais toque ao Museu de Belém [última frase sublinhada a lápis vermelho por Leite de Vasconcelos]. De resto, porei todo o meu empenho em dar a máxima publicidade às minhas investigações, para que aproveitem a quem possa ver muito mais longe do que eu. Foi com êsse intuito que remeti para o Sr. Serpa Pinto, para os R.os Padres do Colégio da Passagem – em vista ao R.º Eugénio Jalhay e à «Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia» o número do jornal «Notícias de Viana» no qual, [estas duas últimas linhas assinaladas a lápis por Leite de Vasconcelos] em despretenso artigo, tratei sumariamente das estações do «Asturiense» por mim encontradas [estas duas últimas linhas assinaladas a lápis azul por Leite de Vasconcelos]¹¹.

⁹ É extraordinária a pertinácia de Abel Viana: não podendo, por razões económicas, adquirir as obras científicas que se afiguravam indispensáveis à sua actividade, propôs uma solução que hoje se afiguraria deslocada, mas que na época fazia absoluto sentido.

¹⁰ Ver nota 5.

¹¹ O «despretenso artigo» a que se refere esta missiva corresponde ao mencionado na nota 4, datado de 22 de setembro de 1928, sincrónico do artigo de Rui de Serpa Pinto publicado naquele mesmo ano de 1928 na revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (Pinto, 1928), embora com anterioridade, pois A. Viana refere que

Mais tinha ainda para comunicar a V. Ex.^a mas, repêso já do tempo que tirei a V. Ex.^a e que para V. Ex.^a é mais precioso do que para mim, deixo para outra vez.
Sou, de V. Ex.^a admirador, at. O.º e muito grato

Abel Viana

Documento n.º 8

CoR JLV 3551/23203 – carta autógrafa

Ex.^{mo} Sn^f. Doutor Leite de Vasconcelos

A resposta de V. Ex.^a à minha carta de 18 do corrente veio encher-me de satisfação e, ao mesmo tempo, tirar-me de apreensões.

Cheguei a arrepende-me de ter falado no «Archeólogo», não fosse V. Ex.^a, por deficiência da minha maneira de exprimir, ajuizar mal das minhas intenções. Mas vejo que V. Ex.^a me julgou benévolmente.¹²

Êsses livros representam para mim uma verdadeira fortuna. Isolado na aldeia, tendo na minha frente um rico filão a explorar, mas indeciso no trabalho de mina, por falta de obras de consulta, que não possuo, e de biblioteca pública ou particular de que me sirva, fico as mais das vezes impossibilitado de revelar materiais que porventura podiam bem servir os cientistas do nosso País, pelo temor de de [sic] extemporâneamente em assunto já conhecido e suficientemente esclarecido.

o mesmo foi distribuído em maio de 1928 (Viana, 1929, p. 6 da separata). O envio por parte de Abel Viana do seu artigo ao Padre Eugénio Jalhay explica-se pelo facto de aquele jesuíta, depois da sua primeira publicação de 1925, dedicada à presença de produções atribuídas ao Asturiense no litoral galego, ter continuado a publicar sobre esse tema: naquele mesmo ano de 1928 viria a lume outro estudo sobre o dito Asturiense de La Guardia, na foz galega do rio Minho (Jalhay, 1928), igualmente aparecido antes do artigo de Abel Viana no «Notícias de Viana», pois é ele próprio que informa que o mesmo veio a lume em fevereiro de 1928 (Viana, 1929, p. 6 da separata).

¹² Referia-se Abel Viana à sua proposta de trocar volumes de «O Arqueólogo Português» por 300 picos, exposta na missiva anterior (ver nota 8). Por certo, Leite de Vasconcelos compreendeu bem a determinação do seu correspondente, ele que sempre valorizou o conhecimento e que bem conhecia as dificuldades de quem pretendia seriamente valorizar-se, a partir da leitura, como aconteceu com ele próprio. Contudo, importa não esquecer que, à data da redação desta missiva, estava Leite de Vasconcelos de saída como diretor do então Museu Etnológico, atingido pelo limite de idade que o impediu de permanecer à frente da Instituição que fundara, já que perfizera os 70 anos a 7 de julho de 1928. Nestes termos, compreende-se que a sua capacidade de intervir a favor da pretensão de Abel Viana, no sentido de lhe remeter os volumes de «O Arqueólogo Português» pretendidos, era diminuta, até porque o seu sucessor à frente do Museu era muito pouco sensível a este tipo de pedidos. Foi o que se verificou, na mesma época, com um colaborador de «O Arqueólogo», A. I. Marques da Costa, com base na correspondência por este remetida a Leite de Vasconcelos (Cardoso, 2014a), e que, até com mais propriedade, visto ser autor de artigos publicados naquela revista, solicitou naquele sentido os bons ofícios do seu correspondente.

O Arqueólogo Português, Série V, 4/5, 2014-2015, p. 21-83

Mais se torna a minha tortura em a certeza de que há tanta coisa ainda por revelar e que era bom pôr em evidência.

Não imagina V. Ex.^a o trabalho que me deu durante a minha curta permanência no Pôrto, há oito anos, extrair dos livros de V. Ex.^a, sobretudo das «Religiões da Lusitânia», os apontamentos de que precisava, tendo de frequentar a biblioteca de S. Lázaro à custa de faltas ao Curso de Aperfeiçoamento de Professores do Primário, as quais redundaram em deduções nos meus vencimentos e na contagem do tempo de serviço para efeitos de diuturnidades e de reforma.

Passando ao «Asturiense».

As minhas explorações deram em resultado 1.200 peças e as notas respeitantes à maneira como procedi a essas explorações.

A estação vista por mim é sem dúvida, ainda mais importante que a de Âncora, estudada pelo Sr. Dr. Serpa Pinto¹³. E só os azares da minha condição de professor primário impediram que eu fosse o primeiro a verificar a existência do «Asturiense» em Portugal, circunstância, para mim de pouca ou nenhuma importância.

O que é certo é que tenho em meu poder a mais vasta coleção de instrumentos do «Asturiense», contando entre êles tipos inéditos, ao que me parece, e que decerto virão dizer algo de novo à arqueologia.

Neste momento estou desenhando algumas dessas peças, para o trabalho que pretendo publicar, não sei se na «Brotéria» se na «Portucale».

O meu ideal era fazer um álbum de desenhos de tôdas as peças, decrevendo-as minuciosamente – dimensões, pêso, côr e outras particularidades. Não poderia certamente levar por diante esta intenção mas, pelo menos, falo-hei quanto à maior parte delas.

Dos 1.200 picos, lâminas, raspadores, pêsos, «coup-de-poing» e outros instrumentos ainda inominados dos quais espero que seja V. Ex.^a o padrinho¹⁴, cerca de 50 % estão bastante rolados, mas conservam as necessárias características para uma pronta identificação.

Nas próximas férias do Natal voltarei a pesquisar na estação, esperando obter mais cópia de materiais.

Só falo por agora no «Asturiense».

Breve direi a V. Ex.^a do que tenho observado a respeito de outros períodos arqueológicos.

¹³ Referia-se à estação por ele atribuída ao Asturiense da praia da Areosa, a Norte de Viana do Castelo, dada a conhecer no jornal «Notícias de Viana», a 22 de setembro de 1928 e publicada logo no ano seguinte (Viana, 1929) (ver nota 4). Ali, a riqueza e abundância de indústrias então integradas no Asturiense é tal que, ainda hoje, se recolhem sem dificuldade belos picos nas cascalheiras acumuladas na maré baixa, entre os afloramentos rochosos que pontuam o litoral.

¹⁴ Referência de consideração amigável por parte de Abel Viana a Leite de Vasconcelos, consagrado linguista, sempre atento à correção de erros produzidos por terceiros, por vezes reputados colegas, como foi o caso da célebre polémica com Cândido de Figueiredo.

Por êste correio seguem os três números do «Notícias de Viana» em que tratei do «Asturiense». São artiguitos de mera vulgarização, para entretenimento do leitor e incitá-lo ao estudo, de acôrdo com os intuitos da secção que mantenho nesse jornal, subordinado ao título «Sabenças e Lérias». Só o primeiro terá interesse para V. Ex.^a.

Por estes dias enviarei a V. Ex.^a fotografias e desenhos de alguns instrumentos, a fim de V. Ex.^a me elucidar a respeito dêles, visto que se trata de tipos inéditos e eu desejo dar a público, no meu trabalho, a opinião de V. Ex.^a¹⁵

Desculpe V. Ex.^a pelo tempo que lhe faço consumir na leitura desta e queira ordenar ao que é de V. Ex.^a admirador

Ad. Am. muito grato

23/11/928

Abel Viana

Seixas, Minho

Documento n.º 9 (fig. 6)

CoR JLV 3551/23204 – postal autógrafo, carimbo com data 31 Dez 28

Viana, 30/12/1928

Ex.mo Sr. Dr.

Tenho já pronto o caixote com as pedras. Deve seguir na próxima quinta-feira pelo caminho de ferro, em pequena velocidade.

Só pude meter no caixote 176 pedras, por recear que rebentasse no caminho pelo excessivo pêso. Por ocasião do Carnaval remeterei outras tantas, em caixote igual¹⁶. Não o faço agora porque além de andar adoentado, tenho tido uma traba-

¹⁵ No primeiro artigo publicado por A. Viana em revista científica, dedicado à Arqueologia, no caso sobre a importante estação de Areosa, a Norte de Viana do Castelo (ver nota 12), não é feita qualquer menção a Leite de Vasconcelos, sendo aquele estudo dedicado a Cláudio Basto, um dos editores/diretores da revista, conjuntamente com Augusto Martins e Pedro Vitorino (Viana, 1929).

¹⁶ Este trecho da missiva não deixa dúvidas de que, logo em 1928, foi efetuada por Abel Viana, para o Museu Etnológico, ainda dirigido por Leite de Vasconcelos, importante remessa de indústrias então atribuídas ao Asturiense (ver notas 8 e 11).

Viana, 30/12/28
 Sr. L. V.
 Tenho já feito o caixote com as pedras, deve seguir na próxima quinta-feira, pelo caminho de ferro, em 1ª velocidade. Não pude meter no caixote 176 pedras, por reason por rebarbante no caminho pelo excesso do ferro. Por ocasião do Carnaval recolherei outras tantas, em caixote igual. Mas o ferro a porra fura-se, além de andar a descoberta, tenho tido uma trabalhosa manuseia com a disposição das pedras que estou a colocar no Museu daqui. Além disso, continuo recolhendo mais coisas, quer do Asturiense quer do Paleolítico. No próximo número da Portucale começo a publicar os meus desenhos e as minhas observações a respeito do Asturiense, e a seguir as relativas a outros tipos de indústrias. Breve escrevo novamente e lhe enviarei a guia do caminho de ferro. No dia 7 regresso a Seixas.

Fig. 6 – Documento n.º 9, postal autógrafo de Abel Viana datado de 30 de dezembro de 1928, anunciando remessa de indústrias líticas do litoral minhoto a norte de Viana do Castelo para o Museu Etnológico e a publicação dos primeiros resultados, o que se verificou logo no ano seguinte (Viana, 1929). Museu Nacional de Arqueologia. Arquivo Pessoal José Leite de Vasconcelos.

lheira imensa com a disposição das pedras que estou a colocar no Museu daqui¹⁷. Além disso continuo recolhendo mais coisas, quer do Asturiense quer do Paleolítico. No próximo número da Portucale começo a publicar os meus desenhos e as minhas observações a respeito do Asturiense¹⁸, referindo-se lhes os relativos a outros tipos de indústria. Breve escrevo novamente e lhe enviarei a guia do caminho de ferro. No dia 7 regresso a Seixas.

Anverso do postal

Cheguei aqui em 23 e não voltei a Seixas. Se porventura V. Ex.^a me escreveu para Seixas, desde essa data, ficará sem resposta até ao dia 6 ou 7 do p. Janeiro.

Lem. de V. Ex.^a

Ag. At. O.º

Mt.º grato

Abel Viana

¹⁷ Confirma-se, deste modo, a organização de um sector expositivo no Museu de Viana do Castelo dedicado às indústrias macrolíticas do litoral minhoto.

¹⁸ Ver notas 4, 12 e 14.

Documento n.º 10

CoR JLV 3551/23205 – carta autógrafa

Papel timbrado «Alvorada», revista instrutiva e educativa (Para crianças) Vila Nova de Cerveira

Areosa, 3/1/929

Ex.mº Snr. Doutor

Despachei ontem o caixote. Segue a respectiva guia¹⁹.

Conforme comuniquei no meu postal de 30/12, só pude meter no caixote 176 peças porque tive receio de o carregar de mais.

Vão numeradas de 1500 a 1676. Explicarei a V. Ex.^a a minha orientação.

Tôdas as peças encontradas por mim estão marcadas e numeradas deste modo:

De 1 a 1449 – as que se encontram no Museu Regional de Viana;

“1450 a 1459 – “ “ “ “ Liceu de Aveiro;

“1469 a 1499 – “ “ “ “ Museu Martins Sarmento;

“1500 a 1676 – “ “ vão para o Museu Etnológico Português.

Os restantes, em número de 400 peças tôdas escolhidas, muito perfeitas ou caracterizadas por certas particularidades, ficam na minha colecção particular – até ao dia que eu veja oportunidade de as colocar no Museu de Viana – e para segunda remessa a V. Ex. [estas duas últimas linhas assinaladas lateralmente a lápis por Leite de Vasconcelos]. Logo que tenha concluído o trabalho que trago em preparação, tratarei de os enviar. Penso que podê-lo hei fazer nos três dias de férias do Carnaval.

Entretanto logo que chegue a Seixas, enviarei a V. Ex.^a alguns desenhos, para me fazer o favor de elucidar a respeito de vários daqueles instrumentos, e de os baptisar, salvo se V. Ex.^a não me permitir a honra de incluir no meu trabalho em questão a opinião de V. Ex.^a²⁰

Com a outra quantidade de pedras, mandarei uma porção de terra negra (fundo de cabana) que aparece de onde em onde na praia e em lugares aonde vou! Mais aglomeração de picos, terra que me parece perfeitamente idêntica à da estação de Âncora. Vou mandar uma porção certa de terra ao Sn^r. Dr. Serpa Pinto, a fim de adquirir maior certeza de se tratar da mesma formação sedimentar que êle mandou analisar em Espanha assim o diz no «Asturiense em Portugal».

Em outra carta dizia V. Ex.^a as razões porque numerei as pedras – numeração que eu peço a todos que as conservem – e o que julgo como conveniente que se

¹⁹ Ver nota 15.

²⁰ Ver nota 13.

faça para o estudo perfeito desta estação, – depois da publicação do meu trabalhito.

É claro que eu lucro, sem fazer mal a ninguém, em eu ser o primeiro a falar, muito embora diga pouco.

No dia 6 farei mais uma excursão ao resto da costa ainda não explorada – cêrca de 4 quilómetros mais a ajuntar aos 5 já vistos por mim.

Suponho que a praia pode dar ainda mais de dois mil picos. Na verdade, eu só, nos raros dias que por aqui posso vir, não posso carregar com tanta pedra, com o trabalho ainda de tomar os apontamentos convenientes²¹.

Pelo transporte das pedras daqui para Viana nada se gastou porque levei-as com as do Museu de Viana, numa carroça da Câmara.

As restantes despesas são insignificantes. Julgo que os instrumentos foram bem acondicionados.

Sem mais maçada para V. Ex.^a, e num até breve, subscrevo-me de V. Ex.^a Adm.or At.e Ob.º e muito grato

Abel Viana

P.S. Pode V. Ex.^a escrever-me para Seixas, Minho [escrito lateralmente ao longo do texto]

A. V.

Documento n.º 11

CoR JLV 3551/23206 – postal autógrafo, carimbo com data 19 Jan 29

Seixas, 19-1-929

R [Respondido]

Ex.mo Senhor Dr.

Remeti, em 4 ou 5 do corrente, o caixote com as pedras, assim como uma carta registada e a guia do Caminho de Ferro.

Teria chegado tudo isso aí sem novidade?

Sei pelos jornais que V. Ex.^a em 6 do corrente se encontrava em Elvas. Já regressaria a Lisboa?

²¹ Ver nota 12.

Como não obtive resposta envio êste, não vá o caixote estar aí no Caminho de Ferro a render armazenagem.

Quanto aos livros, preferiria os que dizem respeito ao paleolítico. No entanto, tudo serve²².

Caso as despesas de correio sejam grandes, posso pagá-las eu, remetendo V. Ex.^a a cobrança na importância aproximada dessa despesa.

Sou com a máxima consideração de V. Ex.^a Ad.or At. O.
do e muito grato

Abel Viana

P.S. No próximo número da Portucale começo a publicar os meus desenhos e relativas notas, sôbre a est.ão de Areosa²³.

Documento n.º 12

CoR JLV 3551/23207 – postal autógrafo, carimbo ilegível

Seixas, 23-1-929

Ex.^{mo} Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos:

Respondo ao primeiro postal de V. Ex.^a.

Não percebo bem o que V. Ex.^a deseja, àcerca do meu título oficial.

Se é o que penso, não tenho outros títulos oficiais, além de – professor oficial de Seixas, Minho e ainda êste:

- Juiz de Paz de Seixas, Minho. Costumo, por brevidade, omitir dois dos meus apelidos. Rigorosamente, a minha direcção será esta.

Abel Gonçalves Martins Viana

Professor oficial de

Seixas, Minho

Sou com a máxima consideração, Ad.or At. O.do e muito grato

Abel Viana

²² Confirma-se que, em troca desta importante amostragem arqueológica, Leite de Vasconcelos remeteu a Abel Viana os volumes de «O Arqueólogo Português» que conseguiu reunir para o efeito (ver notas 8, 11 e 15). É interessante notar que, para este último, todos os livros lhe serviam, tal era a curiosidade do próprio em obter informações sobre quaisquer questões do foro científico.

²³ Ver nota 17.

P.S. Vi hoje no «Século» (súmulo da última sessão da Ass. dos Arqueólogos) uma afirmação que não me soube muito bem. A estação de Areosa não poderá ser nunca desbaratada. Julgo ter procedido com o máximo escrúpulo. Prová-lo-hei no estudo que aparecerá brevemente. O que eu não tiver podido enxergar, poderá enxergá-lo outrem, desde que eu lhe faculte os apontamentos meticolosos das explorações que fiz. E porque o meu desejo é que tôda a luz se faça, em vez de me calar estúpidamente me apressei em dirigir aos arqueólogos dos mais competentes do país, solicitando-lhes a atenção. Aqui me tem para esclarecer o que for preciso, quanto às condições da jazida. Quanto ao material recolhido, o melhor estava com recato, perfeitamente a salvo dos ataques dos curiosos²⁴.

A. V.

Documento n.º 13

CoR JLV 3551/23208 – carta autógrafa enviada a Francisco Valença. Anotação manuscrita de Leite de Vasconcelos, no canto superior direito «a F. Valença»

Seixas, 25/2/929

Ex.^{mo} Senhor:

Respondo ao postal que V. Ex.^a fez o obséquio de enviar-me.

Tinha ideia de já ter escrito ao Sr. Dr. José Leite, ou ao R.º P.e Jalhay, a acusar a recepção dos livros e a agradecer-lhes. É possível, no entanto, que eu não passasse da intenção pelo que, rogo a V. Ex.^a o favor de lhes transmitir o meu pedido de desculpas.

Recebi os seguintes n.ºs do Archeologo: XV-XVII-XIX- XXI-XXII- XXIV e XXV.

²⁴ Consultando as súmulas das atas da secção de Arqueologia Pré-Histórica da Associação dos Arqueólogos Portugueses, relativas ao ano de 1929/1930 (Costa, 1930, p. 141-145), verifica-se que houve diversas intervenções de arqueólogos dedicadas à exploração do litoral minhoto (Joaquim Fontes, Eugénio Jalhay, e Afonso do Paço). Este último arqueólogo tinha feito, ao mesmo tempo que se publicava o estudo de Abel Viana sobre a estação de Areosa, uma comunicação à referida Associação, sobre a estação vizinha de Carreço, como é referido por Abel Viana (Viana, 1929, nota 1, p. 47 da separata). É possível que, no decurso das apresentações ou dos debates destas comunicações, tenham sido discutidos os resultados entretanto obtidos por Abel Viana. É interessante verificar a disponibilidade de Abel Viana para debater e colaborar com os arqueólogos que, como ele, estavam interessados no estudo das indústrias sobre seixos do litoral minhoto, ao declarar: «...instei junto do R.mo Pe Jalhay, tendo-me êste distinto cientista e meu ex.mo amigo comunicado os seus bons officios para que um grupo de arqueólogos nacionais faça, em breve, um estudo da estação *in situ*» (Viana, 1929, p. 46 de separata). Como se vê, maior e genuína transparência nestas sempre difíceis relações interpares não seria possível.

Possuo também o XXVI que eu comprei há tempos e julgo ser o último publicado.

Desejava, agora, comprar mais alguns, entre os quais o III. Como não sei quais os esgotados nem o preço dos que existem, muito grato ficaria a V. Ex.^a se me dissesse quantos são os Vol.s de que ainda há exemplares à venda e quanto custa o exemplar de cada volume²⁵.

Fará V. Ex.^a o favor de não enunciar ao Sr. Dr. José Leite, nem ao Sr. P.e Jalhay o pedido que a V. Ex.^o dirijo, quanto a estas informações. Tendo-me o Sr. Dr. José Leite oferecido aqueles vol.s, pode agora imaginar que se trata duma insistência, e bem descabida, da minha parte.

Dir-me há também V. Ex.^a se os volumes que eu adquirir podem vir oficialmente, em remessa do Museu, para evitar despesas de envio.

Agradecendo desde já, subscreve-se o de V. Ex.^a

At.e pnd. e O.^o

Abel Viana

Prof. oficial em
Seixas – Minho

Documento n.º 14

CoR JLV 3551/23209 – carta autógrafa

R [Respondido]

Seixas, 16/3/929

Ex.^{mo} Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos

Leio nos jornais que V. Ex.^a, por motivo da lei do limite de idade, deixa a direcção do Museu Etnológico Português²⁶.

²⁵ Em troca da remessa de, pelo menos, 176 peças, Leite de Vasconcelos remeteu para Abel Viana 7 volumes de «O Arqueólogo Português» (ver nota 21). Pretendia este, todavia, obter mais exemplares desta importante revista científica, e por isso solicitou os bons ofícios de Francisco Valença, então desempenhando as funções de desenhador no Museu Etnológico.

²⁶ Com efeito, Leite de Vasconcelos fez os 70 anos a 7 de julho do ano anterior (1928), sendo por isso atingido pelo limite de idade para funções públicas, o que aconteceu logo que a legislação sobre a matéria se publicou. A 18 de março de 1929, o Decreto 16 624 determinou a nomeação de Leite de Vasconcelos como diretor honorário do Museu, o qual passou a chamar-se «Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos». Depois de curto período de interregno, foi substituído por Manuel Heleno, que iniciou funções a 13 de agosto de 1930, o qual passou a deter todas as responsabilidades e prerrogativas inerentes ao cargo (ver Coito, Cardoso e Martins, 2008, p. 219). Manuscrito autógrafa das

Quero crer que não é sem desgosto que se vê empellido a deixar êsse valioso estabelecimento, onde tudo testemunha a inexcedível competência de V. Ex.^a e bem assim o considerável número de anos inteiramente devotados ao trabalho.

Suponho que o afastamento será mais aparente do que real – nem V. Ex.^a abandonaria com prazer uma obra cujas parcelas são outras tantas etapas da sua vida laboriosa, nem haverá ninguém capaz de lhe negar o direito de continuar a olhar por ela – ; compreendo que o novo Director, como discípulo, e hum criado por V. Ex.^a no amor e interesse do Museu, deve ser alguém que saiba e que possa arcar com as responsabilidades de tam pesada sucessão; penso, ainda, que, livre do encargo do Museu, deva V. Ex.^a ter muito tempo para nos dar vastas e preciosas lições que só a fugacidade do tempo lhe tem impedido de juntar às inumeráveis que de V. Ex.^a tem recebido, no entanto, e presumindo que o facto da sua separação do serviço oficial não lhe é absolutamente agradável, venho cumprimentar V. Ex.^a, como admirador constante e de humilde préstimo²⁷.

Subscreve-se, com a máxima consideração quem é de V. Ex.^a

At. Pnd. e O.º

Abel Viana

P. S. Saiu o n.º 7 da *Portucale*, o qual insere uma parte do valioso trabalho que pude fazer a respeito da *estação asturiense de Areosa*²⁸. (fig. 7) Até aí as novidades são poucas. No resto do estudo aparecem coisas de mais interêsse. Em nota, na última parte da notícia, declaro que todos os instrumentos descritos, assim como todos aqueles de que dou fotogravura (fig. 8) ficarão no Museu Regional de Viana, sob condição de passarem a propriedade do Museu Etnológico Português, logo que o Museu de Viana se desorganize, se feche ao público por período superior a um ano, não os exponha convenientemente ou deixe extraviar alguns deles²⁹.

prorrogativas que Leite de Vasconcelos pretendia conservar, apesar de aposentado, as quais seriam fixadas através de Portaria, reproduzido na p. 219 daquela obra, não chegou a publicar-se, por evidente impossibilidade legal.

²⁷ Com efeito, apesar de Manuel Heleno ter sido, no campo da arqueologia, o discípulo direto de Leite de Vasconcelos, o poder deste, no seio do Museu que fundara, tornou-se, como seria natural, apenas de carácter moral logo que o novo diretor tomou posse, apesar de continuar a pugnar até à morte pelo engrandecimento da Instituição. Prova disso é carta que endereçou a Manuel Heleno poucos dias antes de falecer, onde lhe declara, não sem uma ponta de humor, que, até na cama conseguia obter espólios para o Museu...no caso, uma inscrição romana! (Coito, Cardoso e Martins, 2008, p. 279).

²⁸ Trata-se do valioso e aprofundado estudo dedicado à estação dita asturiense de Areosa, recorrentemente referido nas notas anteriores (Viana, 1929). Ver notas 4, 14, 17, 22.

²⁹ Efetivamente, em nota de pé de página da publicação (Viana, 1929), Abel Viana confirmou o que nesta missiva já anunciava a Leite de Vasconcelos, com uma pequena alteração: enquanto na missiva referia o fecho ao público do Museu de Viana por um período superior a um ano seria suficiente para que a coleção constituída pelos 1021 exemplares líticos da Areosa fosse remetida para o Museu Etnológico, na publicação menciona que esse período seria de dois anos.

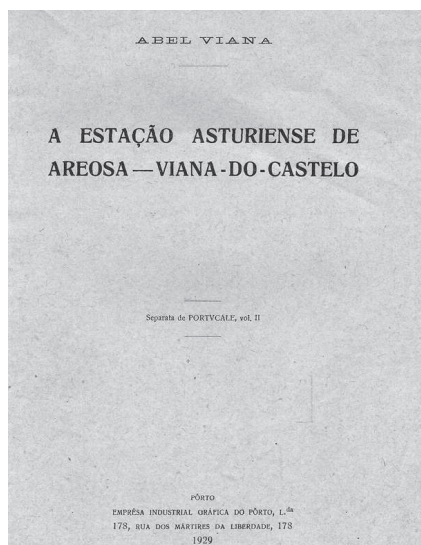


Fig. 7 – Rosto da separata do primeiro trabalho de Abel Viana dedicado à estação de Areosa (Viana, 1929).

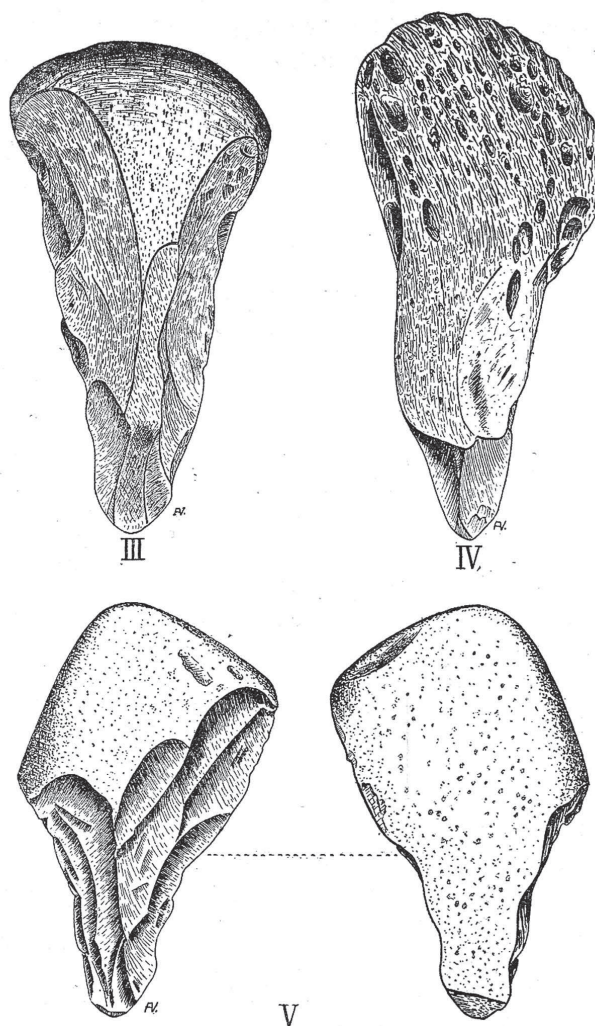


Fig. 8 – Picos desenhados por Abel Viana da estação de Areosa, segundo apurada técnica inspirada na obra sobre o Asturiense, do Conde de la Vega del Sella, de 1923 e por ele publicados em 1929 (Viana, 1929).

Logo que tenha o documento de contrato com a Câmara, remete-lo-hei para Lisboa, a fim de ser apreciado na Secretaria do Museu Etnológico.

É claro que êstes instrumentos (os melhores da estação) não são aqueles de que eu já dei conta antes ao R.º Jalhay e que remeterei para Lisboa logo que tenha ocasião.

Aproveito o ensejo de agradecer muito a V. Ex.ª os números do «Archeólogo» que teve a bondade de me enviar. Prestou-me V. Ex.ª uma valiosíssima ajuda. Certo eu nunca os poderia comprar.

V.

Documento n.º 15

CoR JLV 3551/23210 – carta autógrafa mais 1 anexo

Areosa, 17/Set.º 1929

Ex.mo Snr. Dr. Leite de Vasconcelos:

Remeto a V. Ex.^a a cópia do requerimento que apresentei á Junta de Educação Nacional.

Por êle verá V. Ex.^a o que pretendo.

Rogo a V. Ex.^a não só a declaração de acquiescência como o apoio que, por outros meios, queira dar ao meu pedido.

Se obtiver êsse subsídio, ficarei apto a percorrer todo o Alto Minho e possivelmente a salvar tantas coisas que dia a dia se vão perdendo.

Caso me seja conferida a bôlsa, apresentarei a V. Ex.^a, e aos Srs. Drs. Joaquim Fontes, Félix Alves Pereira e Cláudio Basto o plano de trabalhos que estabeleci, a fim de colher de cada um as instruções relativas a cada parte em que o plano está dividido.

O subsídio permitir-me há também ir de vez em quando a Lisboa submeter ao exame de V. Ex.^a o produto das minhas pesquisas, bem como servir-me mais largamente do correio³⁰.

Uma das minhas ambições é dotar o Museu de Belém e o de Viana-do-Castelo com boas colecções do Alto Minho.

Subscreve-se o de V. Ex.^a Ad.º At.º Ob.º
e mt.º grato

Abel Viana

P.S. Os desenhos de «espantalhos» são difíceis de obter nestas aldeias à beira do caminho de ferro. Com a rápida mudança de costumes, desapareceram quase por completo. No interior ainda aparecem. Veremos o que posso obter³¹.

³⁰ Este pedido de apoio financeiro solicitado à Junta Nacional de Educação, com recomendação de Leite de Vasconcelos e de outros importantes arqueólogos e etnólogos do seu tempo, foi deferido, o que se conclui do conteúdo de missivas ulteriores. No estudo dedicado às estações paleolíticas do Alto-Minho publicado na revista «Portvcaie» em 1930 (Viana, 1930), associou já o seu nome à situação de «Subvencionado pela Junta de Educação Nacional». Abel Viana, por seu turno, não esqueceu os seus apoiantes e protetores, dedicando a José Leite de Vasconcelos, Félix Alves Pereira e Joaquim Fontes este seu importante estudo. Omite o nome de Cláudio Basto, possivelmente por lhe ter dedicado o estudo publicado na mesma revista, no ano anterior (Viana, 1929).

³¹ É interessante verificar que os pedidos de informação de Leite de Vasconcelos se centravam, nesta altura da sua atividade, no domínio da etnografia, o que se compreende pelo facto de, então, toda o seu esforço intelectual se encontrar dirigido para a redação da sua obra monumental «Etnografia Portuguesa», a qual foi iniciada já tardiamente na sua vida, no ano em que perfazia 70 anos de idade (ver nota 62).

Peço a V. EX.^a para remeter a declaração aqui para Areosa, Viana-do-Castelo, até 30 do corrente, e para Seixas, Minho, dessa data por diante.

Viana

[P.S. escrito lateralmente ao longo do texto]

Anexo 23210A

Cópia

Il.º Sr. Presid.te da Junta de Educação Nacional

Abel Gonçalves Martins Viana, professor de Ensino Primário Elementar, de trinta e três anos de idade, casado, natural da freguesia de Santa maria maior de Viana-do-Castelo, residente na freguesia de Seixas, concelho de Caminha e distrito de Viana-do-Castelo, julgando-se nas condições da alínea b e c do concurso para concessão de bolsas de estudo aberto pela Junta de Educação Nacional e desejando o auxílio de uma bolsa a fim de prosseguir e completar as suas investigações arqueológicas e etnográficas no Alto-Minho (distrito de Viana-do-Castelo), trabalhos que efectuará sob a superintendência do Sr. Dr. Joaquim Fontes, Félix Alves Pereira, José Leite de Vasconcelos e Cláudio Basto, sendo a finalidade dos nossos trabalhos a descoberta, estudo e recolha de materiais arqueológicos e etnográficos nas revistas nacionais da especialidade e no Museu José Leite de Vasconcelos, antigo Etnológico Português e Museu Regional de Viana-do-Castelo, como prova com os documentos e declarações de acquiescência que junto, deseja lhe seja concedida a bolsa mensal de quatrocentos escudos, durante o período de três anos, que é quanto supõe bastante para dar cumprimento ao seu plano de trabalhos, pelo que,

Pede deferimento

(a) *Abel Gonçalves Martins Viana*

Documentos a juntar:

- = Publica forma do bilhete de identidade
- = Curriculum vitae
- = Declaração de acquiescência do Sr. Dr. José Leite
- = Idem do Sr. Dr. Joaquim Fontes
- = Idem do Sr. Dr. Félix Alves Pereira
- = Idem do Sr. Dr. Cláudio Basto

= Idem do Sr. Director do Museu Etnológico de José Leite de Vasconcelos
= Idem do Vereador do pelouro da Instrução, Museu e Biblioteca da C. Municipal de Viana

Documento n.º 16

CoR JLV 3551/23211 – carta autógrafa

Abel Viana

Areosa

Viana-do-Castelo

Areosa, 20 /9/929

Ex.^{mo} Sn^r. Dr. José Leite de Vasconcelos

Por esquecimento não mandei a V. Ex.^a, com o pedido que fiz de me passar uma declaração de acquiescência em superintender nos meus trabalhos, a meia folha de papel selado em que a declaração deve ser passada.

A do Snr. Dr. Cláudio Basto já seguiu para a Junta de Educação Nacional. Soube, agora, que o presidente da Junta é o Snr. Dr. Agostinho de Campos.

Desculpe-me V. Ex.^a tanto pedir, mas se V. Ex.^a se der com o Snr. Dr. Agostinho de Campos, como presumo, muito me ajudaria com dar-lhe de mim as referências que entendesse convenientes.

Por êste correio, envio a V. Ex.^a um número do «Notícias de Viana». Há nele um artigalhão a propósito da citânia de St.^a Luzia. Trata-se de uma polémica combinada entre mim e a Confraria de St.^a Luzia. Eu digo de cá, ela diz de lá, tudo com o fim de dar à Confraria pretexto para levar para tribunal uma questão contra indivíduos que abusivamente tomaram posse dos terrenos da «citânia».

Logo que a Confraria tome posse dos terrenos, cuidará da reconstituição da citânia, trabalho que ela pensa confiar-me e que eu, por minha vez, ponho sob a direcção da Associação dos Arqueólogos, em especial sob a do Snr. Dr. Félix Alves Pereira.

A ver se ainda é tempo de salvar aquilo.

Ainda ontem tratei de transportar para o Museu de Viana algumas mós manuais, bastante perfeitas, que alguém lá no monte havia escondido num barraco.

O penedo com insculturas que lá estava, destruíram-no completamente³².
Não largarei o caso.

Rogando desculpa da impertinência, subscreve-se o de V. Ex.^a o
Ad.or At.e O.º e muito grato

Abel Viana

P.S. Vai por êste correio um exemplar do Número único do «Notícias de Viana», com um artigo meu sobre danças populares.

A. Viana

Documento n.º 17

CoR JLV 3551/23212 – carta autógrafa

Seixas, 22/12/1929.

Ex.^{mo} Sn.^f. Doutor:

A carta de V. Ex.^a datada de 17 do corrente e recebida ontem, deu-me uma dupla surpresa.

Fiquei sabendo que a Junta tomou em consideração o meu caso, mostrando-se disposta a atender ao meu pedido, e tomei também conhecimento de que V. Ex.^a me passou a declaração que em tempos lhe solicitei, embora ela nunca me houvesse chegado às mãos. Aí tem V. Ex.^a o motivo porque no processo ela nunca apareceu.

Das pessoas que mencionei no meu requerimento, faltava, apenas, a declaração de acquiescência, passada por V. Ex.^a. Como não a tivesse recebido, pensei que V. Ex.^a, aborrecido pelos seus aturados trabalhos, se tivesse esquecido da minha solicitação, ou que, por motivos da ponderação de V. Ex.^a, não obstante a benevolência que o anima em meu favor, julgasse inoportuna a passagem do documento. Fôsse como fosse, entendi de meu dever não o maçar com nova peti-

³² Para além da investigação arqueológica, Abel Viana não dedicou menos esforços à preservação dos sítios arqueológicos, desde o início da sua atividade, como é bem ilustrado pelo que conta a Leite de Vasconcelos sobre a citânia de Santa Luzia, que não impediram a destruição das insculturas rupestres patentes em afloramento rochoso ali existente, como refere. Muitos anos depois, aquele sítio arqueológico foi alvo de projeto de valorização patrimonial, conduzido por O. da Veiga Ferreira, então arqueólogo consultor da DGEMN, que teve a oportunidade de identificar e publicar outras insculturas rupestres, existentes no espaço habitado (Ferreira et al., 1981).

ção, certo de que V. Ex.^a teria de ser chamado a intervir no caso e, então, a sua valiosa ajuda entraria em jôgo, como entrou.

Resta-me, porque não o fiz no momento em que não me foi permitido fazê-lo, agradecer a V. Ex.^a a decidida protecção que se dignou dispensar-me.

Na carta assinada por V. Ex.^a, reconheço a letra do R.^o P.e Jalhay³³. A êle e a V. Ex.^a dou parte de que no lugar da Igreja-Nova – Vilar de Mouros (onde o Sr. P.e Jalhay esteve comigo e com o Paço, quando me deu a honra da sua visita, em Setembro dêste ano), encontrei mais dois coup-de-poing, um deles em fins de Outubro e outro na última 5^a feira. Noto, pela comparação dos exemplares encontrados com o desenho do que tem sido publicado, provenientes doutras estações do centro e sul do País, que são do que há de melhor, do mais característico chelense e acheulense, e digo do mais característico por lembrar-me de muitas pedras lascadas, de que se tem falado, principalmente atribuídas ao chelense, que não se apresentam tam bem caracterizadas como estas.

Estou preparando a publicação da notícia acerca das estações paleolíticas que tenho encontrado aqui no Alto-Minho. Antes de a mandar para o prelo, porém, enviarei os respectivos desenhos a V. Ex.^a, ao Sr. Dr. Joaquim Fontes, Dr. Felix Alves Pereira e R.^o Jalhay, porque não quero de forma alguma deixar de submeter á apreciação as minhas impressões quaisquer que elas sejam³⁴.

Logo que me seja concedido o subsídio, começarei a enviar a V. Ex.^a uma nota periódica dos trabalhos que puder ir efectuando. Lá para as férias da Páscoa, tenciono passar uns dias em Lisboa, para estudar no Museu de Belém as secções que me interessam.

Perdoe-me o tempo tirado e creia-me de V. Ex.^a
Ad.or At.^o Pen.^o e muito grato

Abel Viana

P.S. O Sr. Serafim Neves, de Viana-do-Castelo que V. Ex.^a muito bem conhece tem picos asturienses muito interessantes de que pode dispor. Se V.

³³ O facto de Leite de Vasconcelos ter confiança com Eugénio Jalhay, a ponto de lhe ter ditado a carta endereçada a Abel Viana, é motivo de interesse, atendendo à má relação existente entre aquele, enquanto sócio proeminente da Associação dos Arqueólogos Portugueses e o diretor do Museu Etnológico, especialmente depois da polémica questão das joias auríferas do tesouro do Álamo (Moura); a acrimónia é evidente no artigo de Manuel Heleno, a respeito da Associação e dos intervenientes no processo (Heleno, 1935, p. 245, nota 85), entre os quais E. Jalhay assumiu papel de relevo (Costa, 1930, p. 143-145; Cardoso, 1999). A proximidade entre o seu antigo Mestre, a quem devia o lugar de Diretor do Museu Etnológico, e aquela Associação, que amiúde visitava, participando nos seus trabalhos, da qual era Presidente de Honra, não poderia deixar de constituir uma contrariedade para Manuel Heleno.

³⁴ O estudo a que Abel Viana se refere foi publicado logo no ano seguinte, em 1930, e corresponde a extenso e detalhado contributo, inventariando e caracterizando os achados paleolíticos do Alto Minho (Viana, 1930) (ver notas 7 e 29). Encontra-se ilustrado, tal como o seu artigo de 1929, por desenhos de elevada qualidade feitos a ponta seca, sem dúvida inspirados nos desenhos reproduzidos na obra do Conde de la Vega del Sella, dedicada ao Asturiense das Astúrias, que aliás é citada (Vega del Sella, 1923).

Ex.^a precisar de mais alguns para o Museu, pode escrever a pedir-lhos, ou encarregar-me de os pedir em nome de V. Ex.^a. O Sr. Neves encontra-se bastante alquebrado, fisicamente, pela doença, pelo que lhe será custoso cuidar da escolha e acondicionamento das pedras, sua marcação, etc. Ora eu sigo hoje p.^a Viana, onde me demorarei até 6 de Janeiro, podendo, portanto, encarregar-me dêsse trabalho.

O melhor no caso de V. Ex.^a pretender as pedras, é escrever ao Sr. Neves, a pedir-lhas, e avisando-me também, por um simples postal, a fim a de eu ir a casa do Sr. Neves e tratar das coisas. Também é bom dizer quantas pedras mais ou menos deseja. O Sr. Neves pode dispôr de mais de quinze centenas³⁵.

No Museu de Viana pôs ele umas quinhentas. Irei marcá-las com o nome dele, proveniência e respectivo número de ordem, agora nestes dias que passarei em Viana.

Viana

Até 6-1-930

Abel Viana

Areosa, Viana-do-Castelo

Documento n.º 18

CoR JLV 3551/23213 – postal autógrafo, carimbo com data 23 Jan 30

Seixas, 22-1-930

Ex.^{mo} Senhor Dr.

Estava persuadido de que tinha mandado para V. Ex.^a os dois primeiros números do jornal, em que sahiu o comêço dos «Subsídios».

Para não demorar, envio mesmo os da minha colecção e, à cautela, registados. Depois, pedi-los-hei à «Redacção».

³⁵ O número de peças recolhidas, referido por Abel Viana (15000 exemplares) é expressivo da quantidade verdadeiramente extraordinária destas indústrias de base macrolítica ao longo do litoral, e que Serafim de Sousa Neves afanosamente colecionou, como muitas outras relíquias da sua terra. Conforme refere Abel Viana, Leite de Vasconcelos conhecia bem este colecionador de antiguidades, tendo-lhe adquirido, numa das suas passagens por Viana do Castelo, duas arrecadas de ouro, que integram atualmente a coleção do Museu Nacional de Arqueologia. As peripécias que antecederam aquela compra foram relatadas, muitos anos depois, no jornal «Notícias de Viana», de 18 de agosto de 1931 (Coito, Cardoso e Martins, 2008, p. 189).

Da Junta ainda não veio nada³⁶, apesar das boas informações particulares que me chegaram. A demora traz-me bastante inquieto e arreliado. Estou a perder um tempo precioso. Só deploro o tempo e as oportunidades que dia a dia se perdem, e para sempre.

De V. Ex.^a

Ad.or At. Pen. e muitíssimo grato

Abel Viana

Documento n.º 19

CoR JLV 3551/23214 – carta autógrafa. Anotação manuscrita de Leite de Vasconcelos «P^a a hist. da Arq.»

Abel Viana

Seixas – Minho

Seixas, 21/2/1930.

Ex.mo Snr. Doutor:

Acabo de saber que me foi concedida a bolsa de estudo³⁷.

Apresso-me a agradecer a intervenção de V. Ex.^a, intervenção decisiva, pela sua máxima autoridade, de que resultou o lisonjeiro conceito em que me tem a Junta de Educação Nacional.

Vou lançar-me decididamente aos trabalhos concluindo uns e iniciando outros que de há muito não passavam de acalentados projectos. De tudo irei dando parte a V. Ex.^a, minuciosa e metodicamente para que a direcção de V. Ex.^a, com o mínimo dispêndio em tempo, seja a mais eficiente possível³⁸.

Na próxima semana remeto os dois números do «Notícias de Viana» onde saiu o resto dos Subsídios para o Vocabulário Minhoto.

Sou de V. Ex.^a

Ad.or At.º Pnd.º e muito grato

Abel Viana

³⁶ Ver nota 29.

³⁷ Ver notas 29 e 35.

³⁸ Esta disposição de Abel Viana, que não via Leite de Vasconcelos apenas como pessoa de prestígio de quem se podia valer, mas sobretudo como um amigo disposto a acompanhá-lo e a esclarecê-lo benevolamente, justifica que o tenha considerado como um verdadeiro mestre. Era assim Leite de Vasconcelos: disponível e atento para quem dele se abeirava e via com merecimento, e ao mesmo tempo discreto nos apoios que o seu prestígio podia mobilizar.

Documento n.º 20

CoR JLV 3551/23215 – carta autógrafa. Anotação manuscrita de Leite de Vasconcelos
«Hist. da Arq.»

R [Respondido]

Abel Viana
Seixas – Minho

Seixas, 7/4/1930.

Ex.^{mo} Sn^f. Doutor José Leite de Vasconcelos:

Recebi ontem um cheque da Junta de Educação Nacional, relativo ao subsídio de Jan. – Fev. – Março do ano corrente³⁹. Em consequência disto, devo seguir a Lisboa no dia 21 dêste mês. Aí passarei os dias necessários para visitar o Museu Etnológico e outras colecções de arqueologia, e para falar com V. Ex.^a, com o Sr. Dr. Joaquim Fontes e o Sr. Dr. Félix Alves Pereira. É este o fim da minha ida a Lisboa.

Escrevo hoje mesmo ao Sr. Dr. Joaquim Fontes, dando-lhe parte do meu projecto. Pedi-lhe – e a V. Ex.^a peço também – para propôr à Associação dos Arqueólogos Portugueses a iniciativa de uma excursão a Viana, por ocasião do próximo Congresso de Coimbra, excursão que fará parte do programa do Congresso⁴⁰.

O alvitre parece-me justificável pela existência das estações asturienses no litoral dêste distrito e pelas colecções do Museu de Viana.

A Câmara Municipal, em reposta aos artigos que publiquei no «Notícias de Viana», sobre a necessidade de se modificar a direcção do Museu, encarregou-me de organizar o «Grupo de Amigos do Museu e Biblioteca de Viana».

³⁹ Apesar da grave crise financeira instalada no país, é de destacar a celeridade do processo de concessão da subvenção plurianual por parte da Junta de Educação Nacional a Abel Viana, pois, tendo o processo de candidatura sido submetido apenas em setembro de 1929 (ver nota 29), já a partir de janeiro de 1930 lhe foi possível usufruir do financiamento de 400\$00 mensalmente concedidos para prossecução das suas atividades arqueológicas e etnográficas. Importa referir que aquela subvenção constituía importante ajuda para as despesas de Abel Viana, atendendo a que o ordenado mensal de um professor primário ascendia naquela época a pouco mais de 600\$00.

⁴⁰ Referia-se à realização, em Portugal, em setembro de 1930, da XV Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica. Esta reunião, realizada em Portugal 50 anos depois da célebre Sessão de 1880, teve lugar em Coimbra e no Porto, sendo o respetivo volume de atas publicado logo no ano seguinte em Paris. Na sessão de abertura, realizada na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra a 21 de setembro, Leite de Vasconcelos teve oportunidade de sublinhar a recém-descoberta das indústrias então consideradas como asturienses ao longo do litoral minhoto, desde Moledo a São João da Foz, expressando publicamente a importância que pessoalmente conferia a estes achados e, por extensão à atividade de Abel Viana, um dos seus principais atores (Vasconcelos, 1931, p. 27). No entanto, a excursão ao terreno, conforme proposta de Abel Viana, não há registo de se ter realizado.

A Câmara, a meu pedido já mandou fazer mais mostradores, a fim de eu colocar neles as peças escolhidas do «Asturiense» e todo o material paleolítico que possuo. Até à ocasião do Congresso, tratarei de arranjar o Museu, de modo a satisfazer plenamente o interesse dos arqueólogos que o visitarem⁴¹.

Desejaria que V. Ex.^a advogasse na Ass. dos Arqueólogos, a ideia da excursão a Viana. As estações asturienses são de muito fácil acesso.

Tenho mandado para V. Ex.^a o «Notícias de Viana». Por êste correio, remeto o n.º 120, no qual continua a publicação do «Conversas por verso».

V. Ex.^a dar-me há a honra de me receber por alguns momentos, quando eu aí for.

Sou de V. Ex.^a

Ad.or At.º Pnd.º e muito grato

Abel Viana

Documento n.º 21

CoR JLV 3551/23216 – carta autógrafa em papel timbrado Abel Viana – Seixas – Minho

R [Respondido]

3/5/1930.

Ex.^{mo} Sn^l. Dr. José Leite de Vasconcelos:

Estive aí em Lisboa, desde 21 até 27 do mês findo. Não pude visitar V. Ex.^a como era do meu programa, porque morando V. Ex.^a bastante longe do meu «centro de operações», desconhecendo eu Lisboa (foi a 1.^a vez que lá estive) e tendo de me retirar cinco dias mais cedo do que contava, por motivos imprevistos que me reclamaram a presença em minha casa vi-me forçado a regressar sem ir a

⁴¹ Os espólios oferecidos por Abel Viana ao referido Museu não se encontram expostos na atualidade, o que é para lastimar, não só por corresponderem a manifestações importantes do Homem pré-histórico, mas também porque poderiam constituir evocação ao Vianense que tão denodadamente pugnou pela investigação e preservação do património cultural da sua região natal. Informação prestada a um de nós (J. L. C.) a 31 de março de 2016 pelo Dr. Alberto Antunes de Abreu, de Viana do Castelo é esclarecedora a tal respeito. Assim, muito depois destas ofertas terem sido efetuadas, um antigo diretor do Museu de Viana do Castelo depositou tais espólios no interior de um sarcófago medieval, misturando todas as peças, que anteriormente estavam devidamente referenciadas a diversos locais de colheita. Mais tarde, outro diretor da Instituição recolheu-as de novo no interior do museu, mas a informação essencial, que era a localização das colheitas, estava perdida para sempre. Atualmente, encontram-se no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

casa de V. Ex.^a, «número» que eu reservara precisamente para um dos últimos dias que eu deliberara estar em Lisboa.

O fim da minha viagem era visitar alguns museus e falar com V. Ex.^a, com o Dr. Joaquim Fontes e ou com o Sr. Dr. Felix Alves Pereira. Vi minuciosamente as colecções de instrumentos paleolíticos do Museu Etnológico (que é, em todo o sentido da designação, de V. Ex.^a), do Museu do Carmo, do Museu dos Serviços Geológicos e a do Casal do Monte, que o Sr. Dr. Joaquim Fontes conserva na Faculdade de Medicina⁴².

No Museu Etnológico acompanhou-me o Sr. Dr. Manuel Heleno.

Aos Srs. Drs. Fontes, Heleno e Felix Alves Pereira, fiquei devedor das mais cativantes atenções.

O que mais me interessava era ver os utensílios de quartzito, sobretudo pontas e raspadores, sobretudo ainda os provenientes de Arronches.⁴³

De um modo geral, os museus de Lisboa têm poucos instrumentos paleolíticos de quartzito. No dos Serviços Geológicos fixei a minha atenção nalgumas lascas que me serviram de termo de comparação, para a classificação de algumas que tenho encontrado aqui no Minho. Na colecção do Sr. Dr. Joaquim Fontes que me forneceram proveitosa lição. Devo ao Sr. Dr. Fontes informações e ensinamentos preciosíssimos.

Havia levado daqui algumas das minhas peças, daquelas sobre as quais eu não tinha dúvidas. São elas do melhor paleolítico até hoje encontrado em Portugal, no dizer dos Srs. Drs. Fontes e Alves Pereira, os quais se deram ao cúmulo

⁴² A coleção de artefactos paleolíticos que Joaquim Fontes então conservava na Faculdade de Medicina, onde era professor, oriundos da estação de Casal do Monte (Loures), por si descoberta em 1909, foi ulteriormente oferecida aos Serviços Geológicos de Portugal, onde Henri Breuil e Georges Zbyszewski tiveram a oportunidade de a estudar e publicar (Breuil & Zbyszewski, 1942). Joaquim Fontes desempenhou importante papel no estudo do paleolítico português, na segunda década do século XX, depois da publicação da célebre estação do Casal do Monte (Loures), em 1910, por si descoberta no ano anterior, ainda aluno do Liceu de Camões (Fontes, 1910). Tal descoberta tornou-o rapidamente conhecido a nível internacional, por via da sua comparência com comunicação em diversos congressos então realizados (Cardoso, 2010/2011). O interesse pelo Paleolítico não mais o abandonou, tendo publicado em 1923 o livro de bolso de carácter divulgativo «O Homem fóssil em Portugal» (Fontes, 1923). Não se estranha, pois, que fosse o interlocutor mais adequado para transmitir informações necessárias a Abel Viana para o prosseguimento das suas investigações, a que acresce as suas pioneiras investigações sobre as indústrias então consideradas asturienses, por ele identificadas em Camposancos, Pontevedra (Fontes, 1925), como anteriormente foi referido (ver notas 6 e 7). Por outro lado, Joaquim Fontes era muito próximo de Leite de Vasconcelos, podendo mesmo afirmar-se que foi seu discípulo dileto, especialmente antes de assumir a sua carreira médica, em detrimento da arqueologia, como bem se evidencia pela correspondência trocada entre ambos (Cardoso, 2012).

⁴³ A coleção de materiais paleolíticos de Arronches a que Abel Viana se refere é a depositada no Museu Nacional de Arqueologia, resultando das colheitas efetuadas por Henri Breuil em 1916, quando esteve detido em Arronches sob suspeita de atividades de espionagem (Cardoso, 2016). Os melhores exemplares foram estudados pelo próprio em Paris, para onde os levou (Breuil, 1920), tendo os restantes, em número de mais de três dezenas, sido por ele remetidos ao referido museu, tendo sido noticiados por J. Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1920b). Uma outra coleção, mais importante, encontra-se depositada no Museu dos Serviços Geológicos, resultante das colheitas de Lerenó Antunes Barradas no Caia inferior, tendo sobre a mesma publicado interessante trabalho (Barradas, 1939).



Fig. 9 – Biface acheulense de Lanhelas e seixo afeiçoado de Vilar de Mouros, com inscrições autógrafas de Abel Viana, ambos recolhidos em 1930, no mesmo ano do estudo publicado sobre tais indústrias (Viana, 1930). Museu do LNEG, Lisboa. Fotos de J. L. C.

de trepar ao 4.º andar onde me hospedei, poupando-me desta maneira o trabalho de andar com as pedras às costas⁴⁴.

V. Ex.^a estará lembrado de, nas minhas cartas, eu dizer que estava encontrando peças soberbas⁴⁵ (fig. 9).

Das inúmeras lascas que para mim, são de facto uma indústria lítica mas a que não me atrevo a estabelecer-lhes período, mantiveram os Srs. Drs. Fontes e Felix Alves Pereira as maiores reservas, mas concordando comigo em que se trata de um problema curioso e digno de ser estudado pelos arqueólogos portugueses⁴⁶.

Vamos a ver se consigo, no próximo verão, que venha a Viana a missão arqueológica que há muito estou reclamando.

Para Lisboa, levei comigo o número do «Notícias de Viana» que remeto a V. Ex.^a por êste correio. No mesmo número verá V. Ex.^a que consegui iniciar a formação do «Grupo dos Amigos do Museu Regional de Viana-do-Castelo».

Para Lisboa levei também três peças da estação paleolítica que descobri em 14 do mês

passado, em Pêso, Melgaço⁴⁷. Hoje de manhã, descobri nova estação, ou melhor, o prolongamento da da Igreja Nova (Vilar de Mouros), tendo recolhido 12 peças, duas das quais simplesmente admiráveis⁴⁸.

Nesta data possuo já uns oito «coup-de-poing», de quartzito, duma perfeição

⁴⁴ Esta forma familiar e pitoresca de Abel Viana se exprimir deveria agradar sobremaneira a Leite de Vasconcelos. Note-se, a propósito, que o velho professor, já então jubilado, se sentia bem entre pessoas perante as quais não tinha de manter comportamento formal e reservado, próprio da sua posição, que por via de regra se via obrigado a assumir entre colegas. É por isso que gostava de estar entre gente do povo, sempre inquiridor dos seus usos e costumes, e entre alguns dos seus seguidores incondicionais, como Abel Viana, com quem se sentia à vontade.

⁴⁵ Com efeito, na publicação correspondente, encontram-se reproduzidos, em belos desenhos a ponta seca por si realizados, excelentes bifaces acheulenses, recolhidos em diversas localidades minhotas (Viana, 1930).

⁴⁶ Tinha toda a razão Abel Viana em dar importância às indústrias de lascas que identificou. Algumas dessas lascas correspondem a machados («hachereaux») acheulenses, como é o caso do exemplar de Igreja-Nova (Viana, 1930, fig. 23); outras são utensílios que se enquadram bem no conjunto das indústrias do Paleolítico Médio, sob a designação de raspadores de diversos tipos; outras, ainda, podem ser mais modernas.

⁴⁷ Trata-se de um conjunto de bifaces acheulenses, completos e fragmentados, todos eles reproduzidos no referido trabalho (Viana, 1930).

⁴⁸ Devem corresponder aos exemplares reproduzidos nas figuras 12 e 16 do referido trabalho (Viana, 1930).

como não a tem nenhum dos outros, do mesmo material, dos até agora encontrados noutros pontos do País.

São belíssimas peças de museu.

Breve mandarei a V. Ex.^a as provas das gravuras que mandei fazer (fig. 10).

Em Agosto, ou 2.^a quinzena de Julho, tornarei a Lisboa. Terei o cuidado de ir primeiro a casa de V. Ex.^a desta vez, teria eu ido, logo no 2.^o ou 3.^o dia, se não fôra a condição de só me poder receber depois das 19 horas – horas a que me davam o jantar na hospedaria. Se alguém perdeu com isso, fui eu⁴⁹.

Na Junta de Educação Nacional, disseram-me dos esforços que V. Ex.^a empreendera para que me concedessem a bolsa. Foi V. Ex.^a quem pesou decisivamente no caso.

Com tal patrono, nada mais tenho a fazer, para o honrar, do que trabalhar sem desânimos nem descuidos⁵⁰.

Em Lisboa durante as minhas visitas aos Museus, de tanta pedra que vi, tantos desenhos que fiz e apontamentos escritos que tomei, por duas vezes quasi perdi os sentidos! Não me lembra de ter outra ocasião em que desse igual esticada aos miolos⁵¹.

Desculpe-me V. Ex.^a o atabalhoado desta. Os meus achados de hoje, apesar de eu já estar habituado à descoberta de boas pedras, puseram-me os nervos em alvoroço.

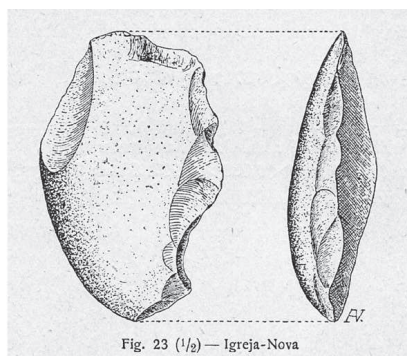


Fig. 23 (1/2) — Igreja-Nova

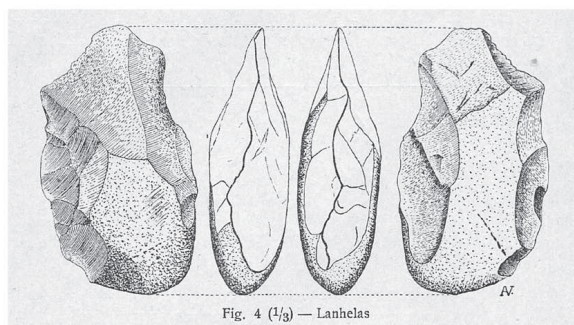


Fig. 4 (1/3) — Lanhelas

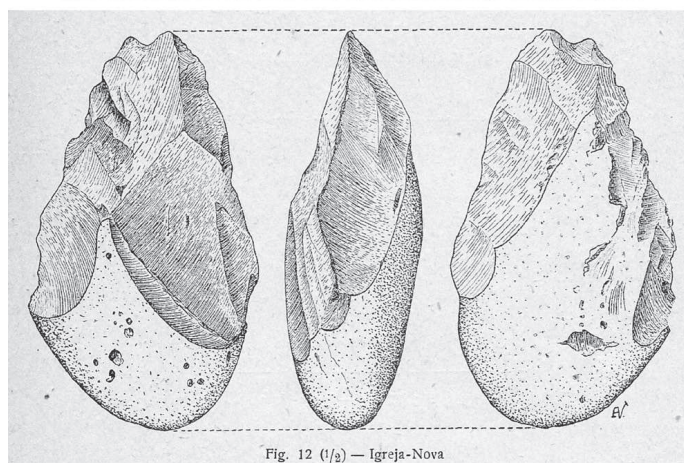


Fig. 12 (1/2) — Igreja-Nova

Fig. 10 – Bifaces e «*hachereau*» acheulenses de Lanhelas e Igreja Nova, desenhados e publicados por Abel Viana (Viana, 1930).

⁴⁹ A imposição de Leite de Vasconcelos só poder receber Abel Viana em sua casa depois das 19 horas reflete a organização rigorosa do seu quotidiano, o qual era pontuado, dia após dia, por rotina cuidadosamente balizada. José Pedro Machado, o último sobrevivente da plêiade de colaboradores de que Leite de Vasconcelos se socorreu nos últimos anos de vida, descreveu essa rotina, com base nas suas lembranças pessoais (Machado, 1999/2000), a par de outros discípulos, que assiduamente frequentavam a sua casa (Coito, Cardoso e Martins, 2008, p. 258).

⁵⁰ Ver nota 37.

⁵¹ Ver nota 43.

Também não pude avistar-me com o R.º P.e Jalhay. De uma boa maçada foi do que êle se livrou.

Sou com a máxima consideração, de V. Ex.ª Ad.or At. V.ºr e muitíssimo grato

Abel Viana

Documento n.º 22

CoR JLV 3551/23217 – postal autógrafo, carimbo com data de 24/1/31

Seixas, 23/1/931

Ex.mº Senhor Doutor:

Recebi há dias um postal de V. Ex.ª Fala-me de umas fotografias que eu mandara. Não me lembra de ter remetido fotografias a V. Ex.ª. Suponho que se tenha equivocado. Também fala do desenho de espantalho. Disso já V. Ex.ª me falou há bastante tempo. Recordo-me constantemente dêsse desejo de V. Ex.ª mas, por mais diligência que tenha pôsto na caça de um modelo, nada consegui ainda. Os antigos bonecos cederam o lugar a outros meios, menos interessantes sobre o ponto de vista etnográfico porém mais eficazes. Estas localidades de à beira da via-férrea estão-se modificando e descaracterizando a olhos vistos⁵².

Dei ordem na redacção do «Notícias de Viana» para mandarem o jornal a V. Ex.ª, por oferta. Algumas vezes tenho publicado nele notas de arqueologia e etnografia, sem me ser possível mandar a tempo, a V. Ex.ª, os respectivos números. Assim fico mais certo de não faltar. Terá V. Ex.ª a maçada de passar uma vista de olhos por todos os números, mas o jornal é pequeno e depressa se verifica o que contém.

Sou de V. Ex.ª

Ad.or At.º V.ºr e muito grato

Abel Viana

⁵² Ver nota 30.

Documento n.º 23

CoR JLV 3551/23218 – carta autógrafa em papel timbrado: Abel Viana, Montedor-
-Carreço, Minho

30/7/931

Ex.mº Snº. Doutor:

Por este correio remeto a V. Ex.^a os dois exemplares do «Notícias de Viana» que V. Ex.^a deseja. Nada me tem que agradecer, nem teria, fosse qual fosse o serviço que porventura lhe prestasse. Eu é que serei eternamente devedor das atenções e da protecção de V. Ex.^a⁵³

No caso do artigo em questão, seja dado o seu a seu dono. Não fui eu o autor, nem sei ao certo quem fosse. Desde Janeiro do ano corrente que deixei a orientação daquele jornal. Actualmente quem lá está teima em considerar-me como pessoa da casa, embora eu fuja dela, como fujo sistematicamente de tudo quanto representa política de corrilho, política à portuguesa. Desde que saí do jornal, êste tomou um sentido muito diverso, com o que não concordo. Julgo que o artigo é de Manuel Couto Viana, pois me lembro do Neves me ter contado essa história na presença dele. Já a sabia há muito, porque o Neves ma referira por diversas vezes. Não a contaria eu em público, pelo menos enquanto o Neves fosse vivo. Acho que tal episódio deixa o Neves muito mal colocado. Actualmente êste meu amigo perdeu imenso do egoísmo furioso que caracteriza o geral dos colecionadores de velharias. Tenho estes senhores pelos mais prejudiciais delapidadores dos nossos haveres históricos, arqueológicos e artísticos. Para os que estudam, são um grave estorvo. V. Ex.^a repetidas vezes lhes deveria sentir o efeito nefasto. Eis a razão (e eu sou amigo do Neves) eu não me atreveria a contar aquela história. O Neves agora resolveu-se a abrir perante os estudiosos o saco dos seus tesouros, onde há muitas coisas que êle nunca entendeu e não deixou estudar. E tornou-se generoso, mandando para o Museu de Viana algumas peças que, como as demais que possui, primitivamente se destinavam a comércio. Creio que o espírito do Neves se transformou em virtude do excepcional valor que as suas colecções atingiram, valor que impediu que os objectos se dispersassem e quiçá mudassem não só de dono como até de país⁵⁴.

2/8/931

⁵³ Conhecendo-se o espírito rebelde e independente de Abel Viana, reafirmado ao longo da sua profícua vida [basta para o efeito ler a correspondência remetida a O. da Veiga Ferreira (Cardoso, 2001/2002; Cardoso, 2008)], ganha importância, pela sua genuinidade, esta declaração de incondicional apoio a qualquer solicitação vinda de Leite de Vasconcelos.

⁵⁴ Ver nota 34.

Concluo esta após uma saída forçada para Valença, onde segui para Vigo, regressando agora. Vim encontrar um ofício da Associação dos Arqueólogos Portugueses, a comunicar-me a minha eleição para sócio correspondente dessa colectividade. Para que eu tivesse esta grata surpresa decerto não deixou de pesar o valioso voto de V. Ex.^a, pelo que me apresso a dirigir-lhe, mais uma vez, os protestos do meu profundo reconhecimento⁵⁵.

Queira V. Ex.^a ordenar a quem é
Ad.or At.^o V.^o e muito grato

Abel Viana

Documento n.º 24

CoR JLV 3551/23219 – carta autógrafa em papel timbrado: Abel Viana, Montedor-Carreço, Minho

4/11/931

Senhor Doutor:

Recebi o postal que fez o favor de me mandar. V. Ex.^a tem todo o direito, e até o dever – o que nem sempre terá é tempo – de me fazer as observações que entender. Com elas só me dá prazer e auxílio, porque, pode crer, tem aqui aluno para lhe aproveitar as lições quanto possa. Os reparos de V. Ex.^a, como os de todas as pessoas de tam elevada categoria científica, deixam-me justamente envaidecido e cada vez mais obrigado a prestigiar, a poder de trabalho, os homens e as coisas relativas à Arqueologia⁵⁶.

No escrito definitivo que me proponho publicar acêrca da «Cova da Moura»⁵⁷, suprimirei todo o capítulo publicado naquele número do «Notícias de Viana»,

⁵⁵ Apesar de precocemente eleito como sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses, a participação de Abel Viana na vida daquela Associação foi sempre diminuta, o que se explica em parte pelo facto de ter residido sempre longe de Lisboa. Por outro lado, as quezílias fúteis que existiam no seu seio pouco o motivariam à frequência da mesma, pois sempre lhe repugnou o tempo perdido, que sabia ser pouco para outras finalidades, por ele consideradas bem mais importantes, e por ele assumidas sempre com o maior empenho. Ver nota 86.

⁵⁶ Ver notas 37 e 49.

⁵⁷ A «Cova da Moura» é uma enorme mamoa situada na freguesia de Carreço, concelho de Viana do Castelo. A sua exploração foi dirigida por Abel Viana, tendo decorrido nos meses de agosto a outubro de 1931. Porém, para além das notícias referidas na missiva, vindas a lume no jornal «Notícias de Viana», nada mais então se publicou. Só em 1953 foi dada notícia desenvolvida das explorações então efetuadas, através de comunicação apresentada ao «III Congresso Arqueológico Nacional», publicada em 1955 (Viana, 1955).

bem como outros que saíram a seguir. A notícia definitiva é para os Arqueólogos; os artigos do «Notícias» são para toda a gente, e em especial para os que não são arqueólogos mas poderão – e oxalá que o sejam – vir a lê-lo. Por isso num artigo do «Notícias» perco tempo em «introduções» descabidas em publicações destinadas a outro meio.

É muito provável, é quasi certo, aparecerem em artigos subsequentes algumas inexactidões. Rogo desde já a V. Ex.^a o máximo que me atrevo a rogar-lhe – sacrificar alguns momentos do seu preciosíssimo saber ao esclarecimento de quem dispõe de mais boa vontade que da força necessária para quaisquer empreendimentos.

Não imaginará V. Ex.^a as condições em que trabalho. Sobrecarregam-me preocupações normais, falta de recursos materiais e diversidade de funções obrigatórias ou semi-obrigatórias, não falando já da multiplicidade de assuntos que simultaneamente me dispersam e fatigam a atenção.

Estou agora a escrever-lhe, após seis horas de aula, com 70 alunos, outras seis de trabalho no quintal e quatro de leitura e escrita, duas das quais consagradas à Arqueologia. É pois com a cabeça a esalgar, e as mãos ásperas da sementeira das favas e ervilhas, que neste instante estou cumprindo o dever de responder ao postal de V. Ex.^a Não admirará pois que, em vez de sentença acertada, me saia fava em grosso inchar germinativo⁵⁸.

Tornando ao meu artigo do «Notícias».- O que eu queria dizer é que o Curso de Arqueologia da Faculdade de Letras não garante colocação certa e situação desafogada a quem o faz e deseja consagrar-se inteiramente à Arqueologia. Não garante a todos os que o fazem. A nossa Arqueologia tem sido feita a poder de muita dedicação – e V. Ex.^a mais do que ninguém o sabe e o sentiu, em maçadas e contrariedades de toda a ordem. Não será isto verdade? Era isto o que eu pretendia dizer⁵⁹.

Abstenho-me agora de lhe roubar mais tempo. Breve escreverei a V. Ex.^a, para lhe dar uma sucinta relação das coisas que tenho para o Museu de Viana. É carga para duas ou três camionetas. Tenho objectos de elevado interesse. Dentro de um

⁵⁸ Este estilo mordaz e cheio de humor acutilante conservou-o Abel Viana pela vida fora, como bem evidenciam alguns trechos das missivas remetidas a O. da Veiga Ferreira (Cardoso, 2001/2002; Cardoso, 2008). Como atrás se referiu (ver nota 43), Leite de Vasconcelos, não obstante a sua pose formal e muito contida, mais forçada do que genuína, deveria apreciar a escrita irreverente e informal de Abel Viana, espelho do seu carácter generoso e empenhado.

⁵⁹ É interessante registar a posição crítica de Abel Viana face ao ensino de Arqueologia ministrado na Faculdade de Letras (subentende-se que era a de Lisboa), na altura apenas assegurado por um único professor, Manuel Heleno, tendo presente que Leite de Vasconcelos tinha sido ali catedrático de arqueologia até há bem pouco tempo. Tal posição manteve-a até ao fim da vida. Com efeito, o livro *Algumas noções elementares de Arqueologia Prática*, edição do autor de 1962 (Viana), publicado apenas a dois anos de falecer, ilustra bem a preocupação de facultar a todos os interessados pela arqueologia os princípios básicos, colmatando lacunas do ensino universitário.

ano deverei colocar a secção arqueológica do Museu de Viana à altura das que se encontram em muitos museus do País que pesam já de feita categoria.

Ordene V. Ex.^a a quem é Admirador e imensamente grato

Abel Viana

P.S. Não [?] ainda, propositadamente, à Associação dos Arqueólogos, a minha eleição. Quero acompanhá-la de um novo trabalho meu, e êsse trabalho será sôbre a «Cova da Moura»⁶⁰.

A. Viana

Documento n.º 25

CoR JLV 3551/23220 – cartão datilografado, timbrado «Inspeção do Distrito Escolar de Faro, Gabinete do Inspector», rasurado Director e envelope timbrado com carimbo dos correios de 22.2.37

No verso do envelope anotação manuscrita de Leite de Vasconcelos: # Dois vocabulários, um editado pelo Sr. José da Silva Vieira, e outro de Viana do Castelo, («Linguagem Popular do Alto-Minho») «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Alto-Minho»⁶¹

Faro, 22 de Fevereiro de 1937⁶²

R [Respondido]

Excm.º Sr. Doutor José Leite de Vasconcelos:

Vou roubar-lhe uns momentos, crime que me perdoará.

Se me fosse permitido, enviaria parabéns ao Secretário da Propaganda Nacional, pelo prémio que atribuiu ao 2.º volume da monumental obra de V. Exc.^a – Etnografia Portuguesa. E mandava parabéns ao Secretariado, porque a V. Exc.^a não há parabéns a mandar, mas sim muita admiração. É V. Exc.^a, sem dúvida, um dos maiores nacionalistas portugueses de todos os tempos, ensinando os portugueses a conhecerem-se, a conhecer a sua terra e o seu passado. Já adquiri, li e reli os dois primeiros volumes da Etnografia. Aguardo ansiosamente

⁶⁰ Tal trabalho, no entanto, só viria a ser publicado em 1955 (ver nota 56).

⁶¹ Esta última obra é da autoria de Abel Viana, impressa a expensas do autor em 1930.

⁶² Esta missiva interrompe um período de mais de seis anos em que não se conhece o envio de correspondência para Leite de Vasconcelos. À data, já Abel Viana se encontrava em Faro, e é de lá que esta lhe é remetida.

os restantes⁶³. Escusado seria dizer que sinto irremediável alegria sempre que vejo o meu nome honrado com citações aos meus trabalhos. Que saudade tenho dêsse tempo, e que pênna me aflige, quando vejo que os serviços do cargo que estou desempenhando não me consentem tempo para continuar esses humildes contributos⁶⁴.

Julgo ter remetido a V. Ex.^a todos os meus escritos impressos. Há dois pequenos vocabulários meus, um editado pelo Sr. José da Silva Vieira, e outro de Viana do Castelo, em 1932, o qual denominei de «Linguagem Popular do Alto-Minho» [assinalado lateralmente a caneta preta por Leite de Vasconcelos]. Tenho, também, outra brochura, à qual pus o nome de «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Alto-Minho». Era a primeira de uma série que não pude continuar pelas dificuldades financeiras da publicação⁶⁵. Estive há pouco em Lisboa, mas não pude ir visitar V. Ex.^a. Fui levar umas pedras ao Museu Etnológico, as quatro melhores peças do Paleolítico, talhadas em quartzite, até hoje encontradas em Portugal⁶⁶. Como disse em um relatório que as acompanharam, fi-lo em homenagem ao Ilustre patrono do Museu [assinalado lateralmente a caneta preta por Leite de Vasconcelos]. Já não moro no Largo do Carmo, mas sim na Rua de Brito Cabreira, n.º 52 [sublinhado a caneta preta por Leite de Vasconcelos], para onde mudei a residência ante-ontem, e para onde V. Exc.^a dará as suas ordens ao que é de V.^a Exc.^a admirador e muito grato, e desejoso de que V. Ex.^a venha mais uma vez por cá, na interminável faina de estudo de que nos dá exemplo. A honra de acompanhar V. Exc.^a é sempre motivo de regozijo para quantos o admiram e estimam.

Abel Viana

⁶³ Esta monumental obra, começou-a Leite de Vasconcelos a escrevê-la no dia 1 de janeiro de 1928, em Coimbra, antes de perfazer 70 anos de idade (Coito, Cardoso e Martins, 2008, p. 263) (ver nota 30). A ela dedicou o melhor dos seus esforços nos anos restantes da sua longa vida, mas, infelizmente, só presenciou a publicação dos dois primeiros volumes, dos dez que integram a obra. O prémio a que alude a missiva de Abel Viana correspondeu ao prémio de História de 1936 do Secretariado de Propaganda Nacional, atribuído ao segundo volume da mesma, publicado nesse mesmo ano.

⁶⁴ Com efeito, a estada algarvia de Abel Viana, que decorreu entre 1933 e 1938, foi erizada de dificuldades no exercício das suas funções de inspetor do Distrito Escolar de Faro (ver notas 66, 67, 70 e 71), para além do profundo desgosto provocado pelo falecimento de sua mulher; tal situação levou, a breve trecho, à sua transferência para Setúbal, em data posterior a maio de 1938 (ver nota 72), com idênticas funções, de onde transitou, em 1939, para Beja, onde se fixou definitivamente até ao falecimento, em 1964; ali desenvolveu a parte mais significativa da sua atividade como arqueólogo (Cardoso, 2014b).

⁶⁵ Ver nota 60.

⁶⁶ Trata-se por certo de quatro dos bifaces acheulenses publicados na sua obra de 1930 (Viana, 1930). Com efeito, o Museu Nacional de Arqueologia conserva estes quatro exemplares nas suas coleções, doados em 1929, sendo um de São João, Seixas, outro de Lanhelas, São Gregório, e dois de Areosa.

Documento n.º 26

CoR JLV 3551/23221 – carta autógrafa com tarja a negro

Faro, 15 de Março de 1937

R [Respondido]

Ex.^{mo} Sn^r. Doutor José Leite de Vasconcelos, e meu Ilustre e bondoso Amigo:

Escrevo infinitamente amargurado pelo falecimento imprevisto de minha esposa, desgraça que ante-ontem me atingiu. Fiquei com três filhos, o mais velho dos quais com nove anos. É-me impossível permanecer em Faro. Tenho de procurar o conforto moral na companhia de meus pais, irmãos e cunhados. Durante os 14 anos de casado trabalhei e estudei imenso, amparado pela boa companhia de minha pobre mulher. Agora sinto-me só e incapaz de coisa nenhuma. Não resistirei à permanência em Faro, sem pessoa de família que me acompanhe, e sem meus filhos. Eles seguem imediatamente para Viana, aos cuidados dos avós e tios. Como o lugar de director do distrito Escolar de Viana está vago, venho rogar ao meu bondoso Amigo que recomende ao meu Ex.^{mo} Ministro me transfira imediatamente para Viana. Aqui não posso ficar.

Como existe a vaga em Viana, a transferência é possível. Se fosse impossível, então teria de pedir a exoneração do cargo, e voltar ao meu lugar de professor primário, na primeira vaga que se desse em Viana, e em que eu fique em primeiro lugar na classificação. O meu Ex.^{mo} Amigo, por tantas vezes me tem dispensado inesquecíveis favores, me valerá nesta aflitiva circunstância.

Suponho que o meu Ex.^{mo} Ministro o atenderá.

Que me transfira imediatamente para Viana-do-Castelo. Não tenho já forças físicas nem morais para continuar em Faro⁶⁷.

Poucos dias antes do falecimento da minha mulher, pedi ao professor e regente as quadras populares que me encomendou. Estou certo de que eles darão alguma coisa.

De V. Ex.^a, Admirador e muito grato,

Abel Viana

⁶⁷ Na verdade, a pretensão de Abel Viana não foi satisfeita, pois em vez de ser colocado em Viana, como seria natural, pois para ali foram os seus três filhos, depois da desgraça que atingiu a família, seguiu, com idênticas funções, em Setúbal, muito mais de um ano depois do falecimento de sua mulher, em data posterior a maio de 1938. Teve, assim, de enfrentar a vida, sozinho e sem família, em Faro, ao contrário do que era seu mais do que justificado desejo (ver nota 63).

Documento n.º 27

CoR JLV 3551/23222 – carta autógrafa com tarja a negro

Faro, [?] de Abril de 1938

Ex.^{mo} Sn^r. Doutor José Leite de Vasconcelos

Meu insigne Mestre e bom Amigo:

Os meus respeitosos cumprimentos, e meus fervorosos votos pela conservação da preciosa saúde de V. Ex.^a Pelo correio de hoje, remeto a V. Ex.^a a separata de um artigo que publiquei no «Arquivo de Viana-do-Castelo». Embora eu fosse um dos directores dessa revista, certo é que nunca intervim, nem de longe nem de perto, na sua coordenação, distribuição e administração. Ignoro, por consequência, se de Viana lha mandaram.

Eu estava longe, como estou, aqui em Faro, e as minhas obrigações oficiais não me permitiram averiguá-lo. Pelo sim pelo não, remeto a V. Ex.^a êste exemplar.

Nesta ocasião tenho no prelo outro estudo acerca da música popular do Alto-Minho. Lá irá parar às mãos de V. Ex.^a.

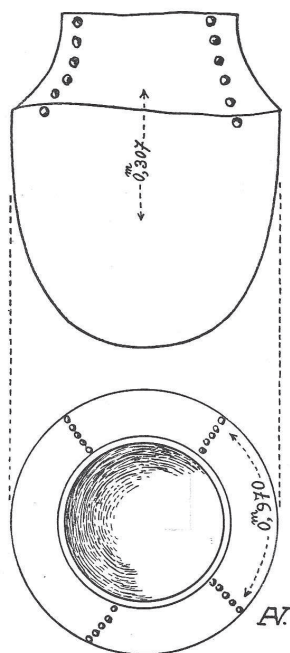
Fui afastado do serviço em Junho do ano passado, por motivos que não provoquei e em consequência de atritos e más-vontades que surgem ao mais pintado⁶⁸. Êste facto, porém, e porque eu não sei estar quieto e improdutivo, permitiu-me retomar os apontamentos que trouxe do Alto-Minho e, assim, dar condições de publicidade a muitos estudos que fiz, antes de vir para o Algarve no exercício do meu cargo.

Também pude, em virtude de tam desagradável circunstância, reatar relações com o «mundo arqueológico», muito honrosas e consoladoras, mas de que os serviços oficiais inexoravelmente me haviam afastado.

Do que for publicando, irei dando conhecimento a V. Ex.^a.

Sinto-me profundamente honrado pelas referências que V. Ex.^a me faz na «Etnografia Portuguesa». Do coração agradeço, porque me servem de alta compensação de tantas dedicações e fadigas, desinteressadamente prestadas e suportadas. Quando torna a passar pelo Algarve? Imensamente me alegraria poder acompanhar V. Ex.^a nos dias em que voltasse a estar aqui. Não se poderá arranjar meio de conseguir para o Museu Etnológico algumas coisas daquele rapaz de Olhão,

⁶⁸ As dificuldades aludidas na nota 63 no decurso da sua missão no Algarve como diretor do Distrito Escolar de Faro não decorreram somente do falecimento de sua mulher, verificado em 12 de março de 1937. Com efeito, logo em junho do mesmo ano, foi afastado daquelas funções por razões decorrentes do mau relacionamento pessoal existente com subordinada (ver nota 70), o que foi positivo, pois, como o próprio declara, permitiu-lhe dedicar mais tempo aos estudos etnográficos e arqueológicos.



em especial o grande vaso com ornatos mamilares, procedente de Monchique?⁶⁹ (fig. 11) Era aí de Lisboa tentar convencê-lo à cedência. Da minha parte – de mim, que tudo quanto encontro deponho nos museus oficiais – prestar-me-ia às andanças de que me incumbissem, indo a Olhão tratar do caso, nos termos em que aí de Lisboa me determinassem. Julgo que valeria a pena tentar-se.

Não me alongo mais. Ordene V. Ex.^a ao que é, At.o V.ºr e admirador respeitoso e gratíssimo

Abel Viana

Fig. 11 – Vaso pré-histórico da necrópole de cistas do Mirante da Mata, Monchique (Viana e Formosinho, 1942, fig. 8).

Documento n.º 28

CoR JLV 3551/23223 – carta autógrafa com tarja a negro

Faro, 4 de Maio de 1938

Ex.^{mo} Sn^r. Doutor José Leite de Vasconcelos, meu Ilustre Mestre e bom Amigo:

V. Ex.^a tem razão no que me diz em seu postal de 30 do mês findo. No dia em que escrevi a V. Ex.^a, fi-lo a muitas outras pessoas, com remessa de vários papéis, de modo que fiquei persuadido de completar a carta dirigida a V. Ex.^a com o envio do meu folheto. Agora vejo que não procedi assim. Vai pelo correio de hoje. Antes de me adiantar, faço votos fervorosos para que essa falta de saúde a que V. Ex.^a se refere desapareça. Tentarei falar ao homem de Olhão. Vamos a ver se tenho sorte e suficiente poder persuasivo, para me sair bem da tarefa, que é difícil, como V. Ex.^a acentua. Mas, enfim, nada perderei em tentar, senão algum tempo e trabalho⁷⁰.

⁶⁹ Deve tratar-se do vaso pré-histórico proveniente de uma das quatro cistas da necrópole do Mirante da Mata, Monchique, explorada cerca de 1927, o qual, à data desta missiva, se encontrava na posse de Abílio José Gouveia, de Olhão, mencionado na mesma. O vaso, desenhado por Abel Viana, foi publicado em coautoria por Abel Viana e José Formosinho em estudo dedicado às necrópoles da serra de Monchique, antes da realização das extensas campanhas de escavações com a participação de O. da Veiga Ferreira (Viana e Formosinho, 1942).

⁷⁰ Abel Viana não teve sucesso nestes seus intentos, pois em 1942, data da publicação do referido vaso, este ainda se encontrava na posse de Abílio José Gouveia, de Olhão, conforme se declara no referido trabalho (Viana e Formosinho, 1942).

No que respeita à minha situação oficial, contarei sumariamente a V. Ex.^a: Há mais de um ano que estou sendo vítima de uma injusta e implacável perseguição, cuja causa próxima foi eu ter-me queixado superiormente contra uma «sereia», que para aqui me mandaram, com função de chefe de secretaria⁷¹. Como desde o primeiro dia em que tomei contacto com ela, pela sua história anterior, pelas suas atitudes e pelos seus enormíssimos disparates, me vi compelido a fazer o que deve quem tem responsabilidades legais e morais, queixei-me superiormente, na cândida suposição de que atalhariam o mal e me dariam razão. Tal não sucedeu. A questão arrastou-se. A mulherzinha, que é dotada de extraordinária actividade, e possui um carácter que é um verdadeiro abismo de maldade, tem-me feito guerra sem descanso, tem desenvolvido um maquiavélico trabalho de sapa, intrigando-me com toda a gente, disseminando torpes suspeições, minando tenazmente junto de todas as pessoas que comigo têm convivido, ou me estimam e me consideram, em suma, tem feito tudo o que uma pessoa especialmente dotada para tais procélias [?] ou para tam diabólicas empresas pode fazer. Em tal campo, a luta, para uma pessoa como eu é difícil, porque absorve todos os instantes da vida e até repugna – porque o contra-ataque só seria eficaz usando-se das mesmas armas e tendo-se o mesmo misérrimo carácter. Como guia esta senhora, com alguns aliados da mesma espécie e afinidades de espírito, colocar-me diante do meu Director Geral e do meu Ministro como sendo um inimigo pessoal dos meus mais altos chefes hierárquicos, como um indivíduo sem moral, de vida irregular, um bêbado, um nulo, um incompetente e desonesto! Nada menos que tudo isto !!! Conquanto não haja provas disso porque, graças a Deus, nada tenho na minha vida que me cause remorso ou vergonha, o certo é que de tanto martelar de calúnia, algumas graves mossas me têm feito, quanto à minha situação oficial, porque a respeito da minha vida moral, da minha consciência e do conceito que de mim fazem numerosos e valiosos amigos, por aqui nenhum mal me virá⁷².

Assim é, meu Ex.^{mo} Mestre e Amigo, que no presente momento vivo oficialmente como um condenado às feras. No entanto, deposito fé no espírito de justiça do meu Ministro, e nunca a perdi quanto ao triunfo da verdade. Mas isto custa imenso! Vejo que a injustiça é flagrante, é completa. Até me parece que isto é castigo por eu ter trabalhado tanto e ter sido sempre tam dedicado e desinteressado. Não calculará V. Ex.^a o que tenho resistido. Isto é para abalar os espíritos mais animosos, é para arrasar literalmente as mais longas paciências! Parece

⁷¹ Vê-se que os problemas de Abel Viana que ditaram a sua suspensão de funções de diretor do Distrito Escolar de Faro são aproximadamente coincidentes com a data de falecimento de sua mulher, sem, naturalmente, terem nenhuma relação entre si.

⁷² Esta descrição impressiva justifica largamente o pedido de Abel Viana de ser transferido para Viana do Castelo, logo que faleceu sua mulher, o que, sendo razão mais do que justificada, teria ainda maior cabimento face à situação que em Faro lhe fora criada. Ver notas 66, 67 e 70.

impossível que ainda não tenham conseguido endoidecer-me! O que me vale, é alhear-me o mais possível de tudo isto, é refugiar-me no [*sic*] meus livros e papéis, e ter a certeza de que sou inocente vítima de uma mulher de monstruoso carácter, e de infinita maldade, que a pouca sorte minha, e sem culpa minha, me fêz surgir no caminho. Nem tento sondar quais os primeiros nem os actuais intentos de tal criatura. Aí tem V. Ex.^a apenas breves acêrca de um caso que, se eu fosse a descrevê-lo como convinha, daria volume enorme e de espantosa trama. Muito agradeceria a V. Ex.^a o que puder fazer por mim. Rogo-o a V. Ex.^a porque tenho filhos. Se não fôra isso, trataria talvez de emigrar, de fugir para tam longe quanto me fosse possível, e aonde não me pudessem chegar sequer lembranças de tam injusta, desapiedada e de todo imerecida perseguição. Só desejaria que o meu Ministro me conhecesse tam perfeitamente como V. Ex.^a pois, se tal acontecesse, bem sossegado eu ficaria⁷³.

De V. Ex.^a, At., V.º humilde admirador e muito grato,

Abel Viana

Documento n.º 29

CoR JLV 3551/23224 – postal autógrafo, carimbo com data de 5.1.39

Faro, 5/1/1939⁷⁴.

R [Respondido]

Senhor Doutor e meu Il. Mestre e Ex.^{mo} Amigo:

Venho com este apresentar a V. Ex.^a as minhas respeitosas saudações e exprimir meus votos para que o novo ano conserve a V. Ex.^a a saúde e boa disposição para continuar eminentíssima obra, além das mais prosperidades e felicidades que V. Ex.^a possa ambicionar. Só hoje mando a V. Ex.^a estas linhas – e mesmo

⁷³ Leite de Vasconcelos deverá ter feito tudo o que estava ao seu alcance para ajudar o amigo, porquanto pouco depois da data desta lancinante missiva (4 de maio de 1938), ainda no decurso daquele ano de 1938, Abel Viana foi transferido para Setúbal, conforme indicou no seu *curriculum vitae* (Viana, 1951b), com o mesmo estatuto que detinha em Faro antes de ser suspenso, o de diretor do Distrito Escolar. Ver nota 63.

⁷⁴ Apesar de ter sido oficialmente colocado em Setúbal ainda em 1938 (Viana, 1951b), verifica-se que nos inícios de 1939 ainda estava em Faro. Já a missiva seguinte é datada de Beja, de 4 de fevereiro de 1939.

assim em bastante dificuldade – porque desde o dia 30 do p.p. me encontro de cama, com um fortíssimo ataque de bronquite. Arranjei êste incómodo na exploração de uma sepultura luso-romana, achada aqui em Faro, por mim meticulosamente explorada e reconstituída – com ossada, espólio e tudo mais – no Museu do Infante D. Henrique. A sepultura é idêntica a uma de Balsa, que V. Ex.^a registou no vol. III, das «Religiões», pg. 372.^a, pg. 159.^a. É parecida em tudo, excepto na cobertura, em que as tégulas não fazem telhado de duas águas, mas estão simplesmente colocadas horizontalmente, formando duas camadas sobrepostas, a de baixo com 4 tégulas na posição normal e a de cima com 5, invertidas.⁷⁵ (fig. 12) Renovando a V. Ex.^a os votos acima expressos, subscrevo-me de V. Ex.^a, At.e e infinitamente grato

Abel Viana

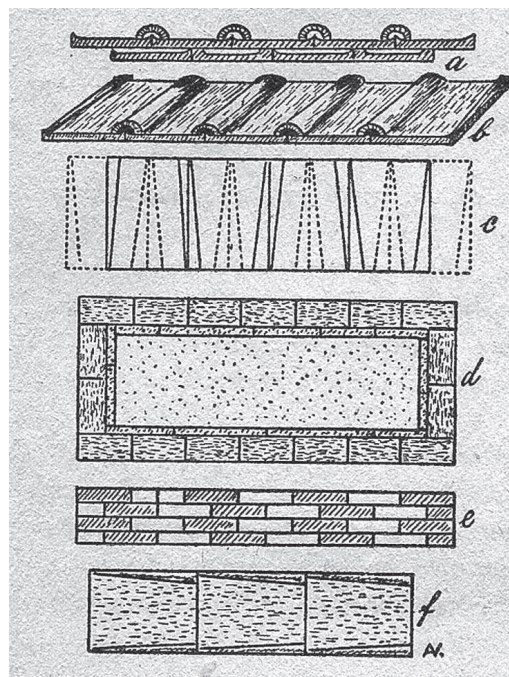


Fig. 12 – Sepultura da necrópole romana do Bairro Letes, em Faro, constituída por *tegulae*, explorada por Abel Viana, depois reconstituída no Museu Arqueológico Infante D. Henrique, em Faro (Viana, 1951a, fig. 7).

Documento n.º 30

CoR JLV 3551/23225 – postal autógrafo, carimbo com data de 5.2.40

Beja 4/2/1939. [sic]

Senhor Doutor e meu Ex.^{mo} Amigo:

Não me foi possível responder de pronto à última carta que V. Ex.^a me enviou, pelo simples motivo de me ver obrigado a trabalhar de manhã até à noite em funções atinentes à sustentação do lar. Dispensaram-me de adjunto escolar. Mandaram-me de novo para a escola primária com 650\$00 por mês! Todavia, à custa de imenso trabalho, consegui estabilizar a minha vida. Fui encarregado de organizar o catálogo do Museu de Beja, trabalho que, além de me facultar algum

⁷⁵ Trata-se de sepultura pertencente à necrópole romana do Bairro Letes (Faro), explorada na última quinzena do ano de 1938 e publicada por Abel Viana só em 1951 (Viana, 1951a). A sepultura em causa, com uma cobertura simples de tégulas, cujo bom estado de conservação justificou a sua remontagem no Museu Lapidar Infante Dom Henrique, em Faro, foi representada no referido trabalho, sendo de novo aqui reproduzida.

proveito, dá-me imensa satisfação⁷⁶. A respeito de cantigas populares que falem do Algarve só conheço aquelas que neste momento estou publicando no Diário do Alentejo. Começaram a sair na semana finda, e vão desde o n.º 1008 até o 1193. Quanto ao Paleolítico, tal como disse no artigo que estou publicando em «O Algarve», a respeito de Ossónoba, nunca o encontrei naquela província. E o caso é que se êle existisse à superfície estou certo de que não me havia escapado⁷⁷. Quanto às duas outras perguntas, não tenho conhecimento de coisa nenhuma. Lembro-me de V. Ex.^a Ob.º At. V.º muitíssimo grato,

Abel Viana

Documento n.º 31

CoR JLV 3551/23226 – postal autógrafo, carimbo com data de 17.SET.39

Beja, 16/9/939.

Meu Ilustre e Respeitável Amigo:

R [Respondido]

Recebi o postal de V. Ex.^a e muito folguei em sabê-lo de boa saúde e entregue a boa colheita. Venho rogar a V. Ex.^a o favor de se não esquecer de me prevenir da passagem por Beja. Terei muita alegria em vê-lo, já que só de longe em longe posso ter êsse gôsto. O Sn^r. Dr. Banha da Silva, Presidente da Câmara de Beja, também deseja avistar-se com V. Ex.^a. Anda êle agora a reconstruir o arco romano que existiu nas portas de Aviz, cuja demolição estúpida V. Ex.^a observou há boas décadas.⁷⁸ O Dr. Banha da Silva conseguiu recuperar tôdas as pedras, e a obra de reposição já começou. Quanto a mim, não chego para as encomendas! Mesmo aqui em frente à casa que habito, na construção de uma casa, tenho colhido uma infinidade de coisas curiosíssimas. Que numeroso espólio, Santo Deus! Entre elas

⁷⁶ Iniciou funções de catalogador do Museu Regional de Beja oficialmente apenas quase um ano volvido, a 1 de janeiro de 1940, conforme consta do seu *curriculum vitae* (Viana, 1951b). Mas as relações com esta instituição foram sempre difíceis, tendo sido suspensas em 1950 (Viana, 1956; Cardoso, 2014b, p. 491), não obstante o respetivo catálogo, editado ulteriormente pela Junta Distrital de Beja, ter dado merecido destaque à sua colaboração, como seria curial.

⁷⁷ Esta afirmação foi rapidamente contrariada pelos importantes trabalhos que Abel Viana desenvolveu no Algarve, sozinho ou em companhia de Georges Zbyszewski, de que resultaram a identificação de muitas estações arqueológicas, quase todas de superfície.

⁷⁸ De facto, o arco romano foi reconstruído naquela época por iniciativa do presidente da Câmara Municipal de Beja, Leonel Pedro Banha da Silva, tendo Abel Viana participado na tarefa também na qualidade de delegado local da Junta Nacional da Educação.

Beja, 16/9/1939. Meu Mestre e Respeitável
Amigo:

Recebi o postal de 8.º E.º e muito folguei em
sabê-lo. De boa saude e entre na obra colhida.
Vou te rogar a 1.º E.º o favor de se não esquecer
de me prevenir da passagem por Beja.
Terei muita alegria em vê-lo, já que só de
longe e em longe posso ter esse gosto. O Sr. Dr.
Bombr de Almeida, presidente da Câmara de
Beja, faz o favor de me avisar a com 1.º E.º
anda de agora a remontar o arco roma-
no que existe nas Portas de Aviz, cuja de-
monstração está na 1.º E.º: a obra de H.º boas
de cada. O Sr. Bombr de Almeida começou re-
cupera-los e a obra de re-
paração já começou. Enquanto a mim, não de-
jo para as desconhecidas! Mas não opri em
pude a casa por muito, mas a construção de
uma casa, tanto colhi uma infirmitade
de crises curvissimas. Já numero opólio
deus Deus! Entre elas um milíario, de 1.º
E.º: [E] - com duas letras, a pensar, grom-
da e muito bem gravadas, de autêntico ca-
racter romano. Depois dizer: cem mil-
has, para Ossónoba. Achei um enterramen-
to de ferro. Deu uma boa espelha,
uma gravura, um faveiro e um alívio de
de ferro, e uma fivela de bronze. Na
praça da República deparei com o soco,
ou alicerce, gigantesco, do forum de
Pax Julia. Empunha-o os milírios, autênticos.



Fig. 14 – Foto do embasamento do edifício romano identificado por Abel Viana na Praça da República, em Beja, e por ele atribuído ao embasamento do fórum da cidade e, mais tarde, ao do templo romano (Viana, 1947, fig. 2).

Fig. 13 – Documento n.º 31, postal autógrafa datado de Beja, de 16 de setembro de 1939, onde Abel Viana dá conta das descobertas arqueológicas feitas no subsolo da cidade. Museu Nacional de Arqueologia. Arquivo Pessoal José Leite de Vasconcelos.

um miliário, dêste feito: (fig. 13) – com duas letras, apenas, grandes e muito bem gravadas, de autênticos caracteres romanos; suponho dizer: cem milhas, para Ossónoba⁷⁹. Achei um enterramento da idade do ferro⁸⁰, e uma fivela de bronze. Na praça da República deparei com o soco, ou alicerce, gigantesco, do forum de Pax Julia.⁸¹ (fig. 14)

Cumprimenta-o o muito gr.º,

Abel Viana

⁷⁹ É possível essa interpretação, pois a distância de Beja a Ossónoba entra no intervalo correspondente às cem milhas indicadas no miliário; Mas a interpretação é duvidosa. Esta epigrafe não foi inventariada na obra IRCP (Encarnação, 1984), impossibilitando o conhecimento do seu significado.

⁸⁰ É importante esta informação sobre a ocupação do solo urbano de Beja já na Idade do Ferro, dado que, por muito tempo, mesmo depois desta descoberta, se julgou ter a cidade fundação romana *ex-novo*. A ocupação na Idade do Ferro só recentemente foi confirmada (Lopes, 2003, p. 89 e seg.).

⁸¹ A interpretação desta estrutura que, nesta missiva a Leite de Vasconcelos, foi atribuída aos restos do fórum da cidade e, mais tarde, a 28 de outubro de 1939, no jornal «Diário do Alentejo», a «edifício romano», foi alterada depois, ao ser considerada como embasamento de templo. No artigo mais completo sobre a mesma, publicado em 1947, é essa a opinião que se apresenta (Viana, 1947). Recentemente, tal possibilidade foi exaustivamente discutida, considerando-se não existirem razões nem para a aceitar, nem para a rejeitar, mantendo-se assim a funcionalidade da estrutura como indeterminada (Lopes, 2003).

Documento n.º 32

CoR JLV 3551/23227 – carta autógrafa

Beja, 14 de Outubro de 1939.

Senhor Doutor e meu Ex.^{mo} Amigo

Recebi ontem à noite o postal de V. Ex.^a e fiquei sabendo a razão porque não tive o prazer de o ver. Transmiti-la-ei ao Sn^f. Dr. Banha da Silva. Fêz V. Ex.^a imensamente bem em retirar-se para Lisboa, visto que, nas paragens de Barrancos não seria muito tranquilizador aguardar a avançada do inverno alentejano, estando uma pessoa a contas com um acesso de bronquite⁸². De todo o coração desejo a V. Ex.^a prontas melhoras – aquelas melhoras relativas que podem ter uma bronquite, maçadora doença que eu conheço em mim próprio desde os vinte anos de idade. Ouso pedir a V. Ex.^a que, nessas forçadas «férias», me faça um grande favor, ou melhor, uma série de grandes favores. Eis o 1.º caso: – Fui há dias a Peroguarda ver uma estella que se encontra, desde muitíssimos anos, metida na ombreira de uma humilde casa. Fui lá a pedido de um amigo que está preparando uma «Monografia de Peroguarda». Êsse amigo trouxera-me a fotografia que junto remeto a V. Ex.^a; pretendia que eu lhe traduzisse a lápide. Vi imediatamente que a fotografia estava viciada pelos vincos a carvão feitos na pedra. Querem, lá no sítio, que no alto da pedra haja um P de Peroguarda. Trata-se de um golpe feito na pedra, o qual, combinando-se com o ornato primitivo, dá ... o P que os de Peroguarda pretendem! (fig. 15)

A cavidade que fizeram ao meio, e que cortou, pelo menos, uma linha da inscrição, foi para efeitos de apoio de tranca. O que a pedra tem é o que está no desenho junto. Visto o desenho, não é difícil descobrir na fotografia o verdadeiro conteúdo da pedra (fig. 16). Pedia a V. Ex.^a o grande favor de me mandar a tradução do letreiro⁸³. Mas não fica por aqui o meu empenho: – 2.º caso – comecei a enviar

⁸² Leite de Vasconcelos, ainda no outono de 1939, já passados os 81 anos, permaneceu em Barrancos, para recolha de elementos filológicos, que depois vieram a ser publicados, logo em 1939 (Vasconcelos, 1939). Por este facto se pode aquilatar a fibra do ancião, desejoso de, antes do final da vida, poder estudar aquele dialeto, sujeitando-se às péssimas condições que poderia encontrar naquele pobre lugar raiano, no final dos anos 30. Mas é o próprio que, indiferente a tais contratemplos, declara: «Que aprazíveis e úteis dias logrei em Barrancos! Como constantemente, e com saudade, os evoco! E deveras lamento de haver deixado a minha visita para idade tam provectua! Em verdes anos maior proveito eu colheria, por se estender ainda diante de mim dilatado campo de trabalho.» (Vasconcelos, 1939, p. 16, nota 1). As duas vezes que permaneceu em Barrancos, em 1938 e 1939, permitiram-lhe a recolha de importante acervo de informação, que, para além do estudo acima referido, deu origem a publicação póstuma, intitulada «Filologia Barranquenha» que, encontrando-se no prelo em 1941, só veio a ser impressa em 1955 (Vasconcelos, 1955).

⁸³ Como se depreende da missiva, Abel Viana viu esta inscrição numa casa da povoação de Peroguarda, desconhecendo-se de onde proviera. Segundo José d'Encarnação (informação a um de nós, J. L. C., a 19 de março de 2016), trata-se de uma das mais curiosas estelas, pois faz a 'ponte', entre a Idade do Ferro (pela decoração) e a



Fig. 15 – Pormenor do «P», existente no topo da estela romana funerária do século II d. C. de Peroguarda, conforme desenho do Documento n.º 32, carta autógrafa, datada de Beja de 14 de outubro de 1939. Museu Nacional de Arqueologia. Arquivo Pessoal José Leite de Vasconcelos.

a V. Ex.^a os números do «Diário do Alentejo» em que estou publicando algumas notas acerca da arqueologia desta província. Hoje remeto a V. Ex.^a mais três números. Uma das notas refere-se a duas inscrições que o Dr. Banha da Silva trouxe da Tôrre da Cardeira (Baleizão), para o Museu de Beja. Faz-me V. Ex.^a o favor de, segundo a minha nota, explicar-me o que elas dizem?⁸⁴ Aqui tem V. Ex.^a o que com que venho maçá-lo. A minha situação oficial em Beja é a de Adjunto do Director do Distrito Escolar de Beja. Assim me pagaram o abnegado esforço que despendi no Algarve: após um longo processo de falsificações e calúnias, tam monstruosamente falso que eu não quis defender-me, baixaram-me de categoria⁸⁵. Como não sei lutar com patifes, não pude destruir as más informações que alguns, ainda que poucos, miseráveis enraizaram no espírito do meu Ministro. Consola-me a tranquilidade da consciência, e não menos me conforta saber que nenhum dos caluniadores é algarvio. O Algarve, graças a Deus, aprecia-me, e estima-me. Enfim, o destino traça estas coisas, e não que fugir-lhe! Ao menos, o caso trouxe esta curiosa consequência – como me obrigaram a deixar de pensar em escolas e em ensino, voltei-me de novo para a arqueologia e para a etnografia, de onde, por sinal, eu nunca me devia ter afastado.

Subcrevo-me, com os meus respeitosos cumprimentos,

Abel Viana

época romana. Foi inventariada e estudada pelo próprio (IRCP 335) (Encarnação, 1984, p. 411), tendo aquele aspeto particular da inscrição sido anteriormente valorizado (Encarnação, 1978, p. 52, nota 21). No topo da estela, observa-se o que parece ser um grande P, feito posteriormente, particularidade já comentada por Abel Viana na presente missiva. A inscrição, de carácter funerário, situável em meados do século II d. C., refere-se a jovem que faleceu com 15 anos e a quem sua mãe mandou edificar o monumento. A epígrafe, conservada na Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo, foi pela primeira vez publicada por Abel Viana, em 1945, reproduzindo-a em fotografia (Viana, 1945, p. 127), que agora se apresenta de novo.

⁸⁴ As duas inscrições romanas em causa, ambas funerárias, encontram-se de facto no Museu Regional de Beja, estando inventariadas no IRPC com os números 305 e 320 (Encarnação, 1984).

⁸⁵ Ver notas 66, 67, 70, 71 e 72.



Fig. 16 – Foto da estela de Peroguarda, publicada por Abel Viana (Viana, 1945, p. 127).

Documento n.º 33

CoR JLV 3551/23228 – postal autógrafo, carimbo com data de 7.11.39

Beja, 7/11/939.

Ex.^{mo} Sr. Doutor e Ex.^{mo} Amigo:

Responderei à carta de V. Ex.^a, a qual desde já muito agradeço. Êste é, apenas, para avisar de que deverei mandar-lhe directa e gratuitamente o «Diário do Alentejo». Previno, para que V. Ex.^a não o devolva. Em vez de mandar eu próprio os vários números, a Redação se encarregará disso, doravante.

De V. Ex.^a At.e V. e muitíssimo grato,

Abel Viana

Documento n.º 34

CoR JLV 3551/23229 – postal autógrafo, carimbo com data de 2.6.40

Beja, 1/6/940.

Meu Ex.^{mo} Amigo:

Imensamente desejo que goze boa saúde e o mais que é preciso ao intenso e precioso trabalho de V. Ex.^a Este serve para prevenir V. Ex.^a de que vai receber gratuitamente, as «Notícias de Viana», durante o período em que nele estive publicando umas coisas do falecido Dr. Félix Alves Pereira e do R.d^o P.e Loução⁸⁶. Dê V. Ex.^a ordem para que o não devolvam. É para, também, mandar-me dizer se tem recebido com regularidade o «Diário do Alentejo» e «O Algarve».

De V. Ex.^a ad.or e imensamente grato,

Abel Viana

⁸⁶ Félix Alves Pereira, falecido em 1936, foi conservador do Museu Etnológico até 1911, quando passou a exercer funções no Congresso da República, que não podia acumular, como era sua vontade, com as desempenhadas até então no museu. A sua relação com o Minho encontra-se registada em diversos artigos de carácter histórico-arqueológico de sua autoria.

Documento n.º 35 (fig. 17)

CoR JLV 3551/23230+A-B – carta autógrafa em papel timbrado: Abel Viana, Beja, e 2 apêndices: envelope com remetente Abel Viana, Seixas, Minho e carimbo com data de 6.5.30 e proposta para sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses, no nome de Abel Viana, datada do Porto, 20 de maio de 1930 e assinada pelo proponente Carlos de Passos⁸⁷

Beja, 17-10-1940.

Meu Ex.^{mo} e Ilustre Amigo:

R [Respondido]

Só há poucos dias pude pôr em ordem os últimos artigos meus publicados no Diário do Alentejo. Não há saltos, nem falhas. Os revisores, de vez em quando, lembram-se de não mudar o número de ordem, daí a confusão que tal facto pode ocasionar. No entanto, se a V. Ex.^a faltou qualquer número do jornal, terá a bondade de mo mandar dizer, que eu lho remeterei imediatamente.

O sn^r. Dr. Soares Victor, de Almodôvar, quis lançar comigo uma revista intitulada – «Estudos do Baixo Alentejo». Deverá sair em 1 de Dezembro próximo. Tratará de arqueologia, etnografia e história do Baixo Alentejo.⁸⁸

Atrevo-me a pedir a V. Ex.^a algumas palavras para o primeiro número. Eu sei que V. Ex.^a não gosta de tais pedidos, mas certamente não me recusará este grande favor. V. Ex.^a bem sabe

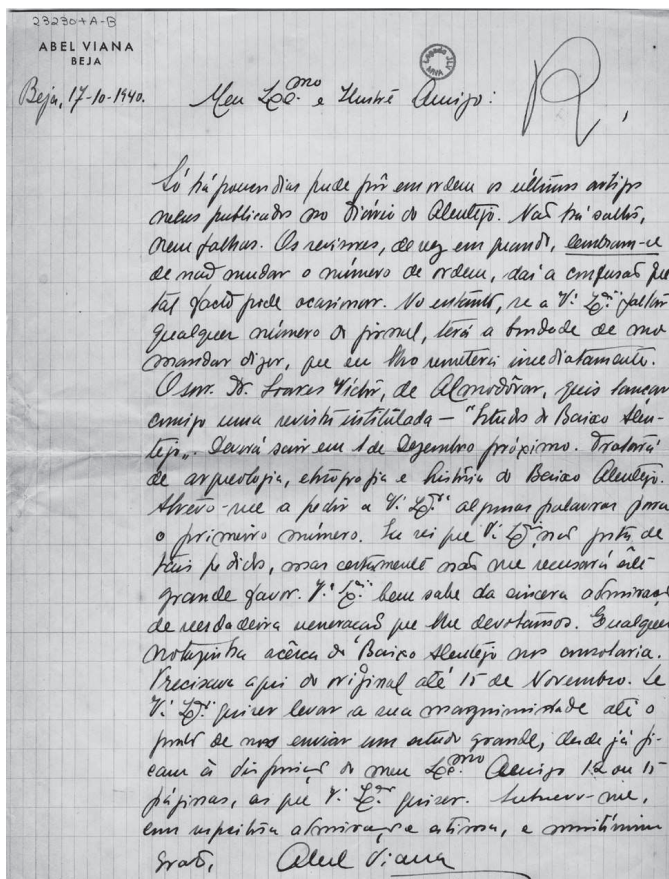


Fig. 17 – Documento n.º 35, carta autógrafa de

Abel Viana, a última missiva que remeteu a J.

Leite de Vasconcelos, a 17 de outubro de 1940.

Museu Nacional de Arqueologia. Arquivo Pessoal José Leite de Vasconcelos.

⁸⁷ Este apêndice está associado a esta missiva por lapso. Deve corresponder à proposta que seria assinada também por Leite de Vasconcelos, para o ingresso na Associação dos Arqueólogos Portugueses, que se verificou em 1931. Carlos dos Passos era investigador local, tendo publicado diversos estudos sobre epígrafes. Ver nota 54.

⁸⁸ O seu *curriculum vitae* não menciona a sua participação nesta revista, a qual provavelmente não terá sido concretizada.

da sincera admiração, de verdadeira devoção que lhe devotamos. Qualquer notazinha acerca do Baixo Alentejo nos consolaria. Precisava aqui do original até 15 de Novembro.⁸⁹ Se V. Ex.^a quiser levar magnimidade até o ponto de nos enviar um estudo grande, desde já ficam à disposição do meu Ex.^{mo} Amigo 12 ou 15 páginas, as que V. Ex.^a quiser. Subscrevo-me com respeitosa admiração e estima, e muitíssimo grato,

Abel Viana

3. DISCUSSÃO

Ao longo das 35 missivas remetidas por Abel Viana a J. Leite de Vasconcelos entre 8 de maio de 1923 e 17 de outubro de 1940, todas conservadas no Epistolário deste último, no Museu Nacional de Arqueologia, estão representadas as três fases que caracterizaram a trajetória científica de Abel Viana, subordinadas às vicissitudes da sua vida profissional, embora a última missiva, datada de 17 de outubro de 1940, corresponda apenas ao início da terceira daquelas fases; com efeito, o falecimento de Leite de Vasconcelos ocorreu a 17 de maio de 1941. A primeira fase, que corresponde ao início da atividade arqueológica de Abel Viana, é a que se encontra melhor representada na correspondência. É possível acompanhar a par e passo as suas prospeções arqueológicas na sua região natal de Viana do Castelo, primeiro e de forma esporádica na arte rupestre galaico-portuguesa, depois de forma consistente no quadro do estudo da estação da Areosa, ao norte de Viana do Castelo, por si identificada. É de destacar que o autor não se limitou à recolha intensiva de materiais no terreno, produzindo uma carta arqueológica que permite a integração da estação em apreço no contexto arqueológico regional, com a localização, em pequena figura esquemática, como era seu hábito, dos castros, mamoa, cistas, dólmenes e insculpturas rupestres, parte das quais já desaparecidas (Viana, 1929, fig. 1) (fig. 18).

O artigo resultante das sucessivas colheitas por si efetuadas, de materiais lascados sobre seixos rolados quartzíticos, no litoral da praia da Areosa, permitiram a apresentação de trabalho de assinalável qualidade, ilustrado por belos desenhos cuja inspiração nas ilustrações de picos asturienses da obra que definiu essa indústria (Vega del Sella, 1923) é evidente. É interessante notar que este artigo é complementado por contributos de grande originalidade sobre a tecnologia utilizada no talhe de picos, num ensaio até então inédito de talhe experimental,

⁸⁹ Nesta altura, quase cego e muito debilitado, e por ter tomado como prioritários outros trabalhos, no curto espaço de tempo de que sabia ainda poder dispor para o efeito – entre os quais a «Etnografia Portuguesa», que o assoberbava – não teve oportunidade de dar seguimento a este convite, sem, contudo, deixar de responder a Abel Viana, conforme se verifica pela letra R, recorrendo a colaboradores, a quem ditava as respetivas missivas.

bem como a utilização destes, recorrendo à etnoarqueologia para a obtenção de informações, junto das comunidades piscatórias da região, que lhe permitiram compreender a utilização de tais peças. Bastariam estes dois aspetos de natureza metodológica para colocar este estudo entre um dos mais inovadores até então realizados no nosso país.

A correspondência permite acompanhar a elaboração deste artigo, antecedido pela sua publicação preliminar no jornal «Notícias de Viana», de que Abel Viana era colaborador assíduo. Quando este trabalho veio a lume, tais indústrias eram então tidas como asturienses, depois das descobertas feitas no litoral ocidental da Galiza por dois portugueses, Joaquim Fontes em Camposancos, perto de Pontevedra, e Eugénio Jalhay, também na mesma região, perto de La Guardia. Mais tarde, foram consideradas como mais antigas do que o verdadeiro Asturiense, o qual era sem dúvida de época epipaleolítica, de acordo com as observações estratigráficas efetuadas pelo responsável pela criação do termo (Vega del Sella, 1923), as quais foram devidamente valorizadas por Eugénio Jalhay (Jalhay, 1933). Com efeito, assentavam nos depósitos do Aziliense, encontrando-se, por seu turno, cobertos por outros, já neolíticos. O mesmo não acontecia nas estações do litoral minhoto. De acordo com as observações estratigráficas efetuadas desde os primórdios da sua identificação, tais indústrias «sembleraient être plus anciennes que leurs congénères des Asturies, tant par leur position stratigraphique que par leur association avec des industries paléolithiques typiques.

La culture 'asturienne' du Minho serait antérieure à l'optimum post-glaciaire. Elle dériverait de la technique du Paléolithique inférieur.» (Breuil et al., 1962).

Estas conclusões, baseadas num significativo conjunto de observações estratigráficas, apresentadas a propósito da publicação da estação de Carreço, a norte da estação de Areosa, vieram, no essencial, a ser confirmadas por José Meireles, na sua importante contribuição para o conhecimento destas indústrias (Meireles, 1992, 1994). Com efeito, o autor situa as indústrias em causa no paleolítico superior final, ou nos primórdios do pós-glaciário, mais antigas portanto que as indústrias asturienses, defendendo que as mesmas seriam as sucedâneas, na

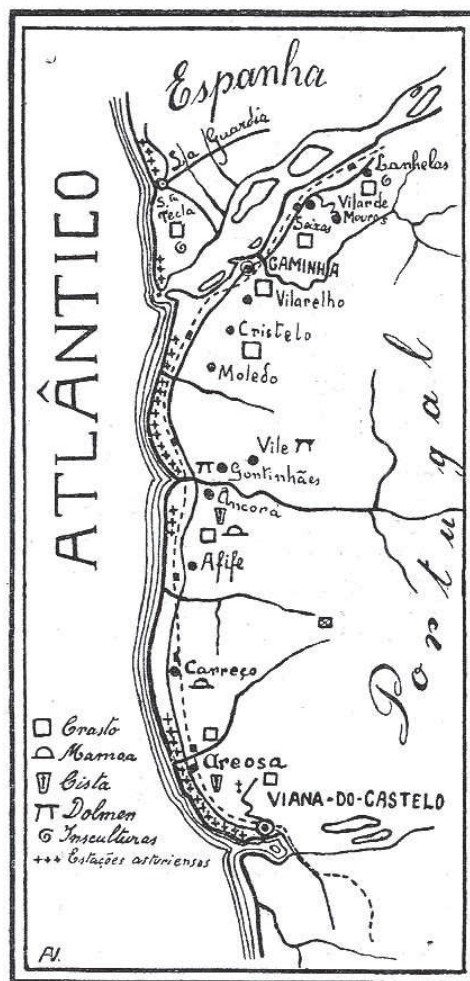


Fig. 18 – Cartografia das estações arqueológicas do litoral do Alto-Minho e da Galiza, segundo Abel Viana (Viana, 1929, fig. 1).

mesma região, do desenvolvimento das indústrias do paleolítico inferior clássicas, contendo bifaces, remontando ao acheulense, exactamente como Breuil e colaboradores haviam admitido. Aliás, o teste estatístico de coerência (teste de Kolgomorov-Smirnov), efetuado entre dois conjuntos, representativo do litoral português (jazidas de Vila Praia de Âncora Norte e Santo Izidoro), e o conjunto da jazida asturiense de Liencres, mostrou que os dois conjuntos são diferentes (Meireles, 1992, p. 473). Nestes termos, ganha coerência a designação de Ancorense, proposta por Rui de Serpa Pinto em 1928, para as indústrias da Praia da Areosa, primeiramente estudadas por Abel Viana. Os picos, que tão bem caracterizam estas indústrias, ocorrem em um conjunto de depósitos designados por Coluviões Recentes 2, coevos de degradação climática do final do último período glaciário (Meireles, 1994, p. 25), situando-se assim no *terminus* de uma longa linha filogenética, caracterizada pela crescente simplificação tecnológica e formal que, ao contrário de revelar qualquer sinal de degenerescência, ilustrará uma adequada adaptação às exigências do quotidiano das respetivas populações. As passagens de algumas destas primeiras missivas evidenciam as cordiais relações existentes entre Abel Viana e os outros arqueólogos portugueses que então já tinham produzido contributos sobre tais indústrias, por eles encontradas com anterioridade em trechos vizinhos do litoral galaico-minhoto, como Eugénio Jalhay e Joaquim Fontes, logo seguidos por Rui de Serpa Pinto.

Interessante é, também, a preocupação de Abel Viana em dotar o Museu de Viana do Castelo com boa representação de tais indústrias, chegando ao ponto de se preocupar com o mobiliário adequado à sua exposição. Conforme acima se referiu, os esforços de Abel Viana revelaram-se a prazo inglórios, pois os conjuntos por ele organizados, cuidadosamente etiquetados com a respetiva proveniência, foram misturados por diretor menos avisado, perdendo-se assim o seu interesse científico. Nessas ofertas, o Museu Etnológico também não ficou esquecido, tendo para ali remetido uma copiosa coleção de tais instrumentos, em troca da remessa de alguns dos volumes disponíveis de «O Arqueólogo Português». Este é um dos aspetos mais expressivos da correspondência, pois evidencia a sede de informação de Abel Viana, proporcional à falta de recursos para a satisfazer. Leite de Vasconcelos, compreendendo bem a natureza desta proposta, que era também um apelo, deu-lhe seguimento, apesar das prováveis dificuldades que teve de vencer, facilmente imagináveis, pois, estando de saída como diretor do Museu Etnológico, por ter já perfeitos os 70 anos de idade, a sua capacidade de intervenção seria reduzida, até porque se sabia da pouca sensibilidade de Manuel Heleno à satisfação de tais pedidos: veja-se a desagradável situação criada a Leite de Vasconcelos, por via do pedido similar não satisfeito, apresentado pelo arqueólogo de Setúbal A. I. Marques da Costa (Cardoso, 2014). Seja como for, este episódio evidencia as relações de confiança já então

estabelecidas entre Abel Viana e Leite de Vasconcelos, que reconhecia naquele qualidades inegáveis de trabalho e de produtividade científica, a par da sua franqueza, evidenciada por escrita expressiva e pitoresca que muito lhe agradaria. Abel Viana passou a ter, deste modo, em Leite de Vasconcelos um apoio muito relevante para a satisfação das suas legítimas necessidades de reconhecimento científico. É assim que, pouco depois, conseguiu obter bolsa da Junta de Educação Nacional, tendo sido determinante a atuação de Leite de Vasconcelos, submetido o pedido de bolsa em setembro de 1929, foi a mesma concedida logo em março do ano seguinte, por quatro anos, com retroativos a janeiro de 1930, no montante mensal de 400\$00, muito apreciável para a época, se recordarmos que o vencimento mensal de Abel Viana, como professor do Ensino Primário, pouco ultrapassava os 600\$00. Desconhece-se, todavia, se a bolsa teve continuidade pelo período inicialmente previsto. Deste modo, ficou Abel Viana dotado dos meios para se poder deslocar, não só a diversas localidades da sua região natal, mas também a Lisboa, para conhecer os espólios conservados nos Museus da Capital, especialmente o Museu Etnológico, e contactar com os arqueólogos que o poderiam ajudar para o efeito, como Joaquim Fontes, Félix Alves Pereira e mesmo Manuel Heleno, citados na correspondência, entre outros.

Esta maior agilidade de movimentos explica a capacidade de, logo naquele ano de 1930, ter produzido trabalho sobre o paleolítico minhoto, estudo pioneiro onde deu a conhecer a presença de indústrias acheulenses, até então ali quase totalmente desconhecidas. As colheitas efetuadas por si em numerosas localidades vieram alterar completamente o quadro até então conhecido. Destacam-se belos bifaces e machados (*hachereaux*), a par de núcleos *levallois*, acompanhadas de lascas, que vieram confirmar a presença generalizada de indústrias do paleolítico inferior e médio na sua província natal, distribuídas especialmente ao longo dos terraços dos rios Lima, em Arcos de Valdevez, e Minho, perto de Melgaço e na área de Caminha (Viana, 1930, fig. 1) (fig. 19).

A recolha de algumas destas peças, pela sua excecional qualidade, era prontamente comunicada a Leite de Vasconcelos, tendo a correspondência registado o envio de quatro desses exemplares, os quais, tendo sido incluídos no trabalho referido, deram entrada no Museu Etnológico, conforme consta dos respetivos registos. Leite de Vasconcelos dispensava de facto, desde há muito, um genuíno interesse pelos progressos no estudo do Paleolítico, então o período mais antigo e menos conhecido da presença do Homem em Portugal. Relembre-se que foi a descoberta, feita por Joaquim Fontes, da estação de Casal do Monte, perto de Loures, em 1909, e a sua pronta publicação, em «O Arqueólogo Português», em 1910, que deu o passo decisivo para o arranque de tais estudos em Portugal, estando na origem da sólida amizade desde logo estabelecida entre Fontes e Leite de Vasconcelos, tão bem evidenciada na correspondência entre ambos trocada (Cardoso,

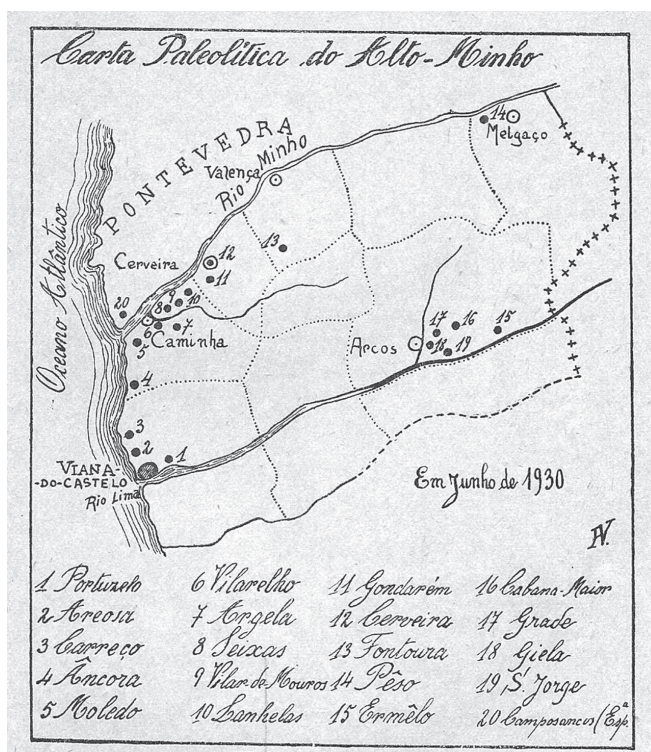


Fig. 19 – Cartografia das estações paleolíticas do Alto-Minho, segundo Abel Viana (Viana, 190, fig. 1).

1912). Por outro lado, a publicação, em 1916 da célebre obra «El Hombre Fósil» (Obermaier, 1916), cuja segunda edição, aumentada, publicada nove anos depois (Obermaier, 1925), evidencia bem o interesse prestado ao Homem paleolítico peninsular pela comunidade internacional. Este facto não deixou indiferentes os escassos investigadores portugueses que então se dedicavam ao tema, o que explica a publicação, em 1923, do livro de divulgação «O Homem fóssil em Portugal» da autoria de Joaquim Fontes, onde reproduz um exemplar de Viana do Castelo, por ele atribuído ao «Chelense» (Fontes, 1923, p. 13). Percebe-se, pois, o interesse de Leite de Vasconcelos em ver desenvolvidos os estudos sobre o Paleolítico naquela região do País, a que Abel Viana deu, em tão pouco tempo, tão importante impulso.

Deste modo, a primeira fase da correspondência, coincidente com a atividade de Abel Viana na região de Viana do Castelo é, sem dúvida, a mais interessante, em termos de novidades ao nível da informação arqueológica produzida. Para além das suas prospeções no âmbito do Paleolítico, a correspondência revela a identificação de insculpturas rupestres, infelizmente destruídas ulteriormente, e ainda a escavação da Cova da Moura, mamoa gigantesca que escavada em 1931, só foi publicada em 1955 (Viana, 1955).

A segunda fase da correspondência refere-se à curta mas conturbada estada de Abel Viana em Faro. No decurso desta etapa da sua vida profissional, é de destacar as intervenções realizadas no subsolo da própria cidade, como a do Largo da Sé, não mencionada na correspondência, realizada em novembro de 1933, pouco depois da sua chegada à cidade (Cardoso, 2014, p. 483), e a que efetuou em dezembro de 1938, no cemitério romano do Bairro Letes, a que alude pouco depois, em missiva datada de Faro, de 5 de janeiro de 1939, embora os resultados dessas escavações só tenham sido publicados em 1951 (Viana, 1951a). Também é o caso das explorações arqueológicas da região de Monchique.

* * *

Enfim, a terceira fase da correspondência, relativa à última etapa da vida de Abel Viana, correspondente à sua fixação em Beja, no decurso de janeiro de 1939, de onde remete diversas missivas, das quais a última, de 17 de outubro de 1940, antecedeu de escassos seis meses o falecimento de Leite de Vasconcelos, já então fortemente limitado na sua atividade por ter perdido a visão. Ainda assim, tal missiva contém convite ao Mestre para que se dispusesse a participar em iniciativa editorial, a qual, contudo, não se terá concretizado. As missivas desta última e curta fase, umas são a título meramente informativo, como a relativa à reconstrução do arco romano das Portas de Aviz, por iniciativa do então presidente da Câmara Municipal, Leonel Pedro Banha da Silva, mas outras detêm maior substância. É o caso da identificação de embasamento da estrutura romana, no Largo da Misericórdia, que supunha corresponder ao fórum da cidade, como refere na missiva, opinião depois alterada para embasamento de templo (Viana, 1947). Tal é também o caso das notícias contidas na correspondência relativas a epígrafes romanas, para cuja leitura pediu a ajuda de Leite de Vasconcelos. Duas delas, de carácter funerário, foram recolhidas perto de Baleizão encontrando-se atualmente guardadas no Museu de Beja, tendo sido por ele primeiramente lidas e publicadas. Uma outra, igualmente funerária, foi por ele identificada na povoação de Peroguarda, a qual possui mais interesse que as anteriores, pois, de acordo com J. d'Encarnação, corresponde a exemplar que se afigura inspirado em modelos mais antigos, apesar de ser datada do século II d. C. (Encarnação, 1978, 1984). Abel Viana, que primeiramente a publicou (Viana, 1945), refere na missiva a Leite de Vasconcelos a particularidade da existência de um «P» gravado ulteriormente no topo da estela, alusivo a Peroguarda.

No domínio da etnologia, Abel Viana remetia-lhe regularmente as suas publicações, a par de diversos periódicos regionais, dos quais era assíduo colaborador e que continham igualmente importantes informações. Isso permitia a Leite de Vasconcelos manter-se informado do muito que localmente se ia publicando no domínio das tradições populares portuguesas. Deste modo, não espanta que tenha citado o nome de Abel Viana num dos dois volumes daquela obra maior publicados em vida do autor, o que muito sensibilizou Abel Viana, como declara em missiva de abril de 1938. Para além das informações do domínio etnográfico sistematicamente remetidas a Leite de Vasconcelos, Abel Viana respondia-lhe também a diversas perguntas por este endereçadas, não deixando de ser curioso que nenhuma delas, ao longo da correspondência, se reportava ao foro arqueológico, o que confirma a crescente concentração de toda a sua atividade no campo etnográfico, no âmbito da redação da sua obra, inacabada, «Etnografia Portuguesa».

4. SÍNTESE CONCLUSIVA

A correspondência agora publicada é expressiva, primeiro, do despontar da vocação arqueológica de Abel Viana, incentivada sempre por Leite de Vasconcelos que via nele o fulgor e o empenho criativo, por ele próprio tão valorizado, o qual, depois, foi plenamente confirmado na fase de maturidade da sua atividade arqueológica, atingida no decurso da sua fixação em Beja. E se Leite de Vasconcelos ia satisfazendo as necessidades de informação do foro etnográfico, recorrendo a uma plêiade de amigos e colaboradores dispersos pelo país, dos quais Abel Viana era apenas mais um, mas não o menos empenhado e disponível no envio de informação ao mestre, pode considerar-se essencial o papel deste na formação científica de Abel Viana. Não só pelo interesse genuíno com que acompanhou as suas primeiras investigações, mas também na intervenção decisiva que teve na obtenção de subvenção mensal, concedida por vários anos, pela Junta de Educação Nacional, que permitiu a Abel Viana desenvolver de forma menos constrangida a sua atividade, a partir de janeiro de 1930. Deste modo, pode bem dizer-se que, enquanto o mestre atingia o limite de idade para o exercício de funções públicas, incluindo a sua saída, a contragosto, da direção do museu por si fundado, o discípulo adquiria, por esta via, capacidades de atuação oficial, na qualidade de bolseiro do Estado, que àquele iam minguando, sem prejuízo de continuar a trabalhar afincadamente, o que se verificou até ao seu passamento.

AGRADECIMENTOS

A António Carvalho, diretor do Museu Nacional de Arqueologia, por ter permitido o estudo, requerido por um de nós (J. L. C.) do acervo epistolar agora publicado.

A Miguel Magalhães Ramalho e a José António Anacleto, do Museu Geológico do LNEG, por terem, respetivamente, facultado e apoiado a um de nós (J. L. C.), o acesso e estudo dos espólios líticos remetidos por Abel Viana aos então designados Serviços Geológicos de Portugal, referidos na correspondência.

BIBLIOGRAFIA

BARRADAS, L. A. (1939) – Estações paleolíticas do Caia inferior. *Brotéria*. Lisboa. 28: 2, p. 215-223.

BREUIL, H. (1920) – La station paléolithique ancienne d'Arronches (Portalegre). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 24, p. 47-55.

BREUIL, H.; ZBYSZEWSKI, G. (1942) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. 1 – Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal; 23).

- BREUIL, H.; RIBEIRO, O.; ROCHE, J.; VAULTIER, H.; FERREIRA, O. da Veiga; ZBYSZEWSKI, G. (1962) – Les industries paléolithiques des plages quaternaires du Minho (La station de Carreço). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 46, p. 53-131.
- CARDOSO, J. L. (1999) – O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia portuguesa. *Al-Madan*. Almada. Série II, 8, p. 138-156.
- CARDOSO, J. L. (2001/2002) – Correspondência anotada de Abel Viana e O. da Veiga Ferreira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 415-608.
- CARDOSO, J. L. (2008) – Correspondência selecionada enviada a O. da Veiga Ferreira: cinquenta anos de atividade arqueológica (1946-1995). Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, p. 383-751.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011) – Joaquim Fontes, primórdios de um arqueólogo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 623-630.
- CARDOSO, J. L. (2012) – José Leite de Vasconcelos (1858-1941) e Joaquim Fontes (1892-1960) vistos através da correspondência conservada nos Arquivos do Museu Nacional de Arqueologia e do Laboratório Nacional de Energia e Geologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 5, 2, p. 105-185.
- CARDOSO, J. L. (2014a) – António Inácio Marques da Costa (1857-1933), Setúbal, Tróia e a Arrábida: percursos de um pioneiro dos estudos arqueológicos regionais em Portugal vistos pela correspondência enviada a José Leite de Vasconcelos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 15, p. 11-44.
- CARDOSO, J. L. (2014b) – Abel Viana (1896-1964): uma vida de arqueólogo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 475-510.
- COITO, L. C.; CARDOSO, J. L.; MARTINS, A. C. (2008) – José Leite de Vasconcelos. *Fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Editorial Verbo.
- COSTA, M. Alves (1930) – Relatório da secção de Arqueologia Pré-Histórica. 1929-1930. *Arqueologia e História*. Lisboa. 9, p. 141-145.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1978) – Estelas romanas inéditas do sudoeste alentejano. *Conímbriga*. Coimbra. 17, p. 41-53.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) – *Inscrições romanas do Conventus Pacensis (IRPC)*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. 2 vols.
- FERREIRA, O. da Veiga; FERREIRA, S. da Veiga; FERREIRA, F. D.; SIMÕES, S. (1981) – Novas insculpturas pré-históricas descobertas na Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo). *Gallaecia*. Santiago de Compostela. 6, p. 217-227.
- FONTES, J. (1910) – Estação paleolítica do Casal do Monte. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 15, p. 93-96.
- FONTES, J. (1923) – *O Homem fóssil em Portugal*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais.
- FONTES, J. (1925) – Estação paleolítica de Camposancos (Pontevedra, Espanha). *Brotéria*. Caminha. Série II, 1:1, p. 7-16.
- HELENO, M. (1935) – Jóias pré-romanas. *Ethnos*. Lisboa. 1, p. 229-257.
- JALHAY, E. (1925) – El Asturiense en Galicia. *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*. Orense. 7:165, p. 341-362.
- JALHAY, E. (1928) – A estação asturiense de La Guardia (Galiza). *Brotéria*. Caminha. 6:2, p. 75-90.
- JALHAY, E. (1933) – Serão pré-asturienses as estações pré-históricas do litoral galaico-minhoto? *Brotéria*. Lisboa. 16:2, p. 102-108.
- LOPES, M. C. (2003) – *A cidade romana de Beja*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. 2 vols.
- MACHADO, J. P. (1999/2000) – Recordando José Leite de Vasconcelos: um testemunho pessoal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 25-31.
- MEIRELES, J. (1992) – *As indústrias líticas pré-históricas do litoral minhoto. Contexto cronoes-tratigráfico e paleoambiental*. Braga: Universidade do Minho (Cadernos de Arqueologia; Monografias 7).
- MEIRELES, J. (1994) – As indústrias líticas pré-históricas do litoral do Minho (Portugal) e o seu quadro litoestratigráfico. In *Congresso de Arqueologia Peninsular*, 1, Porto, 1992. *Actas. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 34: 3/4. p. 17-42.

- MUSEU REGIONAL DE BEJA. Catálogo de algumas das principais peças. Beja: Junta Distrital. 1959.
- OBERMAIER, H. (1916) – *El Hombre fósil*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales (Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas; mem. 9).
- OBERMAIER, H. (1925) – *El Hombre fósil*. Segunda edición refundida y ampliada. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales. (Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas; mem. 9).
- PINTO, R. de Serpa (1928) – O Asturiense em Portugal. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 4:1, p. 5-44.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1920a) – Aldravas de ferro. *Boletim de Etnografia*. Lisboa. 1, p. 26.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1920b) – Objectos paleolíticos de Arronches remetidos ao Museu Etnológico pelo Sr. P.e H. Breuil. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 24, p. 56-58.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1930) – Discurso na sessão inaugural. In *Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica*, 15, Porto, 1930. Actas. Paris: Librairie E. Nourry. Vol. 1 – Portugal. p. 24-30.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1939) – Da fala e Barrancos. *Boletim de Filologia*. Lisboa. 6, p. 159-178.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1955) – *Filologia Barranquenha*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VEGA DEL SELLA, Conde de la (1923) – *El asturiense nueva industria preneolítica*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales. (Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistoricas; memória 32).
- VIANA, A. (1929) – A estação asturiense de Areosa – Viana do Castelo. *Portvcale*. Porto. 2. Separata de 48 pág.
- VIANA, A. (1930) – Estações paleolíticas do Alto-Minho. *Portvcale*. Porto. 3:15, p. 189-235.
- VIANA, A. (1945) – Museu Regional de Beja. Secção lapidar. *Arquivo de Beja*. Beja. 2:1, p. 97-128.
- VIANA, A. (1947) – Restos de um templo romano, em Beja. *Arquivo de Beja*. Beja. 4:1/2, p. 77-88.
- VIANA, A. (1951a) – O cemitério luso-romano do bairro Letes (Faro). *Brotéria*. Lisboa. 53:2/3, p. 145-165.
- VIANA, A. (1951b) – *Títulos e trabalhos de Abel Viana*. Edição do Autor.
- VIANA, A. (1955) – A «Cova da Moura». In *Congreso Arqueológico Nacional*, 3, Galicia, 1953. Actas. Zaragoza: Sección de Arqueología de la Institución Fernando el Católico y la Secretaría General de los Congresos Nacionales. p. 481-497.
- VIANA, A. (1956) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 13: 1-4, p. 110-167.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J. (1942) – Arqueologia pré-histórica do concelho de Monchique. *Ethnos*. Lisboa. 2, p. 369-389.